

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos**  
**Mestrado em Estudos Linguísticos**

**ANA CRISTINA DE SOUZA**

**ENTRE A PRISÃO DO CORPO E A LIBERDADE DA ALMA: ANÁLISE  
DISCURSIVA DAS CORRESPONDÊNCIAS DE REEDUCANDOS DO  
SISTEMA PRISIONAL DE MORRINHOS-GO**

**Uberlândia (MG)**

**2019**

**ANA CRISTINA DE SOUZA**

**ENTRE A PRISÃO DO CORPO E A LIBERDADE DA ALMA: ANÁLISE  
DISCURSIVA DAS CORRESPONDÊNCIAS DE REEDUCANDOS DO  
SISTEMA PRISIONAL DE MORRINHOS-GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes.

**Uberlândia (MG)**

**2019**

**ANA CRISTINA DE SOUZA**

**Entre a prisão do corpo e a liberdade da alma: análise discursiva das correspondências de reeducandos do sistema prisional de Morrinhos- GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes.

Uberlândia, 28 de junho de 2019.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes (UFU) – Presidente

---

Prof. Dr. Antônio Fernandes (UFG)

---

Prof. Dr. Israel de Sá (UFU)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

**ATA DE DEFESA**

Programa de Pós-Graduação em:	Pós-Graduação em Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 05, PPGEL				
	Vinte e oito de junho de 2019	Hora de início:	14:00 h	Hora de encerramento:	16:00 h
Matrícula do Discente:	11722ELI001				
Nome do Discente:	Ana Cristina de Souza				
Título do Trabalho:	Entre a prisão do corpo e a liberdade da alma: análise discursiva das correspondências de reeducandos do sistema prisional de Morrinhos - GO				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, Sujeito e Discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Constituição do sujeito discursivo: entrelaçamento entre língua, história e sociedade				

Reuniu-se na sala 209 do Bloco U, Campus Santa Mônicas, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Israel Sá - IELLE/UFU; Antônio Fernandes Júnior - UFG; e Cleudemar Alves Fernandes - PPGEL/UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Cleudemar Alves Fernandes, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

**Aprovado(a).**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **ANTONIO FERNANDES JUNIOR, Usuário Externo**, em 28/06/2019, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleudemar Alves Fernandes, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/06/2019, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Israel de Sá, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/06/2019, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1342474** e o código CRC **F502AFA9**.

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S729 2019	<p>Souza, Ana Cristina de, 1973- Entre a prisão do corpo e a liberdade da alma: análise discursiva das correspondências de reeducandos do sistema prisional de Morrinhos- GO [recurso eletrônico] / Ana Cristina de Souza. - 2019.</p> <p>Orientador: Cleudemar Alves Fernandes. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2118">http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2118</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arquitetura. I. Fernandes, Cleudemar Alves, 1986-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título. CDU: 72</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB8/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB8/3074

## AGRADECIMENTOS

Aos reeducandos que em um ato de confiança compartilharam suas histórias conosco e nos possibilitaram refletir acerca de suas ações e, sobretudo, acerca de nossos julgamentos generalizados, permitindo-nos acreditar no poder da palavra ressocialização.

Aos responsáveis pelo sistema prisional de Morrinhos-GO, por permitirem nossa entrada no local e dar-nos tranquilidade para desenvolver nosso trabalho de extensão.

A Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Morrinhos, que me deu todo aparato legal e acadêmico para que pudesse desenvolver o projeto de extensão nos dois anos consecutivos no Sistema Prisional de Morrinhos.

Aos alunos extensionistas que fizeram parte desse projeto e me possibilitaram ter o acervo das cartas para a pesquisa em questão.

Aos meus colegas de trabalho do curso de Letras (UEG) pela compreensão de minhas ausências e parceria nos momentos de angústia.

A minha companheira de viagens e aulas, Elisama, por tantas reflexões trocadas, tanto no campo acadêmico, quanto no pessoal.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cleudemar Fernandes, por toda confiança, paciência e compreensão nos momentos de orientações e confidências.

Aos professores Dr. Antônio Fernandes (Tony) e Dr. Israel de Sá pelas contribuições valiosas para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Ao LEDIF, que no decorrer das reuniões tanto acrescentaram para minhas reflexões acerca da pesquisa.

Ao PPGEL que me possibilitou a entrada e a cumprir o tão desafiante e desejado Mestrado.

A Maria Virgínia por toda presteza nos momentos de desespero burocráticos e sempre muito solícita na resolução dos problemas.

A minha família por todo apoio e palavras de incentivo. Em especial a minha sobrinha Dayse Caroline, pelas palavras de positividade no decorrer de todo processo de escrita.

Ao meu companheiro de vida, Ricardo Messias, pela paciência e compreensão em minhas ausências e pelas palavras, às vezes duras, mas que transpareciam toda sua preocupação e desejo de que eu finalizasse esse processo. A você toda minha gratidão.

**“Não me pergunte quem sou e não me diga para  
permanecer o mesmo”.**

**Michel Foucault**

## RESUMO

A pesquisa em questão tem como objetivo, analisar como os sujeitos reeducandos do Sistema Prisional de Morrinhos- GO se percebem na zona de conflito marcada, sobremaneira, entre prisão e liberdade que se manifestam por meio dos enunciados expressos em cartas entregues a extensionistas da Universidade Estadual de Goiás, enquanto desenvolviam um projeto de alfabetização nesse sistema prisional, nos anos de 2007 e 2008. E tem como problemática, responder quais sentidos os dizeres desses reeducandos produzem já que expressam, nas cartas, discursos constituídos pelas instituições disciplinares e subjetivados por esses mesmos reeducandos contrariando o que se espera do estereótipo de um marginalizado social. Para tal, o objetivo geral é analisar a quebra do estereótipo do sujeito preso nos discursos materializados nas cartas que escrevem de modo espontâneo aos seus interlocutores. Isso significa afirmar que, ao considerar seus discursos e, portanto, permeado por atravessamentos discursivos, é possível observar em primeira instância, que sua voz refrata a ideia construída socialmente pelo senso comum de maneira generalizante que diz que todo preso é um sujeito irrecuperável socialmente, refletindo, assim, um sujeito inscrito no discurso familiar, no discurso religioso; o que justifica a pesquisa em questão. Para tanto, categorizamos enunciados desses reeducandos, identificando-os em formações discursivas de contradições, demonstrando que esse sujeito reeducando oscila, faz um deslocamento frente a seus posicionamentos em relação a si e ao mundo, criando um conflito interno sobre sua condição ora preso, com todo o saber próprio daquele local, ora com o vislumbre da liberdade, trazendo discursos recorrentes da instituição familiar, do Estado, da religião, da educação e de outros aparelhos institucionais identificando essa constituição social do sujeito. Assim, temos o propósito de compreender como esses sujeitos assimilam sua condição de detentos e excluídos sociais e se de fato, os mesmos pregam a ordem de subversão às normas estabelecidas, ou de reprodutores de comportamentos institucionalizados e, ainda mais, se esses discursos se coadunam perfazendo a complexidade do sujeito reeducando que faz emergir discursos frente à situação em que se colocam. Utilizamos para fundamentação teórica desta pesquisa autores que trazem discussões Foucaultianas, bem como próprio Michel Foucault acerca, principalmente das formações discursivas e as contradições nos discursos nas cartas dos reeducandos; também, sobre a escrita de si, como forma de o reeducando fazer-se ouvido e refletir sobre sua própria condição e as relações de saber-poder próprios da condição do cárcere em que o reeducando se insere. Utilizaremos, ainda, autores que tratam sobre os espaços da prisão e as possibilidades do educacional nestes locais. Assim, apresentamos a discussão acerca do sujeito reeducando e as formações discursivas que o colocam sob a ideia construída socialmente de que todo preso é irrecuperável, mas que, se dado a ele oportunidades, garantidas por lei, de se reestruturar e de ressocializar por meio da educação, há a possibilidade desse sujeito se ressignificar para nova inserção social.

Palavras Chaves: Sujeito. Reeducandos. Formações discursivas. Ressocialização

## ABSTRACT

This research aims at analyzing how inmates of the prison system in Morrinhos-GO see themselves in the conflict zone between prison and freedom that are manifested by the utterances expressed in letters given to extension participants of the Universidade Estadual de Goiás, while they developed a literacy project in the prison system in Morrinhos-GO in 2007 and 2008. Our main questions rely on the possibilities of meanings that their sayings convey, as they express in the letters discourses built by the correctional institutions and internalized by them, which is the opposite of what is expected from the stereotype of a social outcast. Our general purpose is to analyze the stereotype break related to the inmates considering their voices, their discourse positions through spontaneously written letters. It means that when their sayings are considered, they are full of discourse crossings, it is possible to observe in the first place that their voices spread the idea socially built by common sense in a general way, that is, every inmate is an individual without social remedy, which reflects an individual subscribed to familiar, religious discourse, which justifies this research. We sorted the sayings of the inmates, identifying contradictory discourse formations, demonstrating that those individuals has a moving perspective in terms of their opinions about themselves and the world, creating an internal conflict about their conditions: convicted, having the knowledge of that place and with a glimpse of freedom, having discourse memories such as family background, State, religion and other institutional references that constitute social individual. Thus, we aim at understanding how those individuals grasp their situation as inmates and social outcasts and if, indeed, preach civil disobedience or reproduce institutionalized behaviors and, above all, if the discourses match, making the complexity of the inmate that leads to emerging discourses within such a situation. Our theoretical background relies on authors who discuss foucaultians topics, as well as Michel Foucault himself, especially when it comes to discourse formations and the contradictions present in the utterances in the inmates' letters; writing about themselves, as a means to be heard and ponder about their condition and relationship of knowledge and power that are typical in the correction environment they are. Also, we will use authors who tackle prison spaces and educational possibilities. Thus, we show a discussion about the inmate and their discourse formations that set them under the idea socially built that inmates will not be rehabilitated, but, if they are given opportunities, guaranteed in law, to restart and resocialize through education, there is a chance that those individuals will resignify themselves for a new social insertion.

Keywords: Subject. Inmates. Discourse Formations. Resocialization.

**SUMÁRIO**

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Referencial teórico .....</b>	<b>16</b>
<b>Metodologia .....</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo I – Sistema prisional e o educando na prisão .....</b>	<b>23</b>
<b>Ia - Breve histórico das prisões .....</b>	<b>24</b>
<b>Ib- A educação nas prisões .....</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo II – Perspectivas teóricas.....</b>	<b>34</b>
<b>Capítulo III – Um olhar sob as cartas de reeducandos do sistema prisional de Morrinhos- GO .....</b>	<b>52</b>
<b>III a- Posição sujeito reeducando .....</b>	<b>57</b>
<b>III b- Categoria I – Aceito/Normal X Não aceito /Anormal .....</b>	<b>58</b>
<b>III c- Categoria II – Religiosidade X Infame.....</b>	<b>66</b>
<b>III d- Categoria III – Capitalismo: Trabalho X Criminalidade .....</b>	<b>71</b>
<b>III e - A ( re) escrita de si.....</b>	<b>75</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>79</b>
<b>Referências .....</b>	<b>82</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa nasceu da execução de um projeto de extensão desenvolvido por mim, juntamente com alunos da Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos, nos anos de 2007 e 2008, no sistema prisional de Morrinhos-GO. O objetivo era a alfabetizar e promover reflexões sobre ressocialização dos reeducandos que, ali, estavam apenados.

O termo reeducando, que vem do verbo reeducar, segundo o dicionário, tem a definição de: educar mais uma vez; melhorar a educação de alguém. E é esse o termo utilizado nos sistemas prisionais, com o sentido e intuito de restituir o sujeito, ali, aprisionado, por meio do trabalho e/ ou, por meio da educação. No nosso caso, em questão, restituir pelos parâmetros da educação formal e social. Utilizamos esse termo, também, por compreendermos que os mesmos reeducandos, já passaram por uma formação anterior ao longo de suas vidas, até se encontrarem neste local de reclusão. Mesmo que, em alguns casos, essa educação não se tenha restringido, apenas, à educação formal, escolar, mas, também, moral, familiar, que os definiriam como cidadãos. E por entendermos, que nesse momento de privação de liberdade, e tendo a oportunidade de se reinserirem em um contexto formal e social de educação, proposta pelo projeto em questão, os mesmos poderiam se restituir, social e formalmente.

Além dessas justificativas, no campo teórico, o termo reeducando, segundo Foucault (2013) também faz parte de uma política prisional adotada no sistema carcerário a partir do século XIX, tendo como parte da punição do prisioneiro, reeducar, reestruturar para o convívio em sociedade. Para melhor justificar esse termo, discorreremos, com mais clareza, no primeiro capítulo desta pesquisa, o porquê dessa escolha lexical, reeducando.

Tínhamos como interesse, no projeto em questão, desenvolver a prática de leitura e escrita daqueles já alfabetizados com um nível de escolaridade mais desenvolvido, que variava entre 1º à 8º séries. Assim, juntamente a esse processo de ensino aprendizagem, promover, por meio de leitura e escrita, utilizando de vários gêneros textuais, uma reflexão em relação à reinserção social e projetos para o futuro, com a projeção de estarem livres, contrastando com aquela realidade que vivenciavam naquele momento, de encarceramento.

O projeto ocorria no próprio sistema prisional de Morrinhos, com um cronograma de aulas que se resumia a duas vezes por semana, por 02 (duas) horas cada encontro. O local utilizado para esses encontros era um espaço restrito, de mais ou menos 3 metros por 5 metros, pois, salas de aula não faziam parte da estrutura desse presídio. Assim, nos foi disponibilizado o espaço destinado para o banho de sol de todos os reeducandos, espaço coletivo, mas que, naquele momento dos encontros, era restrito aos interessados em participarem do projeto, liberados pela direção do presídio, e assim, assistirem às aulas.

Esses encontros só puderam acontecer com autorização do diretor do sistema prisional, mas, sobretudo, com a concordância de todos os reeducandos ali apenados e que, por opção e/ou por motivos vários, não participariam do projeto, porém, cedendo o espaço que poderia ser utilizado por eles, nesses momentos. O ceder do espaço, segundo os próprios reeducandos, que não participariam dos encontros, seria por acreditarem na importância daqueles momentos para os que desejassem participar.

Esse projeto foi desenvolvido por professores e alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás - Campus Morrinhos. Em princípio, esses alunos participaram como voluntários, pois, de certa forma, receavam pelo ambiente que encontrariam. Porém, com o passar do tempo, e a convivência estabelecida entre os integrantes daquele espaço carcerário, foram criando uma relação de confiança e reciprocidade entre diretor, agentes prisionais e reeducandos que, por fim, acabaram por se assumir como participantes, de fato, do projeto, se submetendo, formalmente, como alunos extensionistas.

Assim, com o desenrolar do projeto e com as relações de confiança sendo estabelecidas entre os envolvidos, foram surgindo diálogos espontâneos por parte dos reeducandos que, por vezes, adentravam a assuntos da vida familiar e afetiva, pois, nesses momentos, os reeducandos se sentiam confortáveis em expressar sentimentos que foram silenciados naquele ambiente hostil de encarceramento. Nesse processo de interação, também, foram surgindo cartas, como forma de desabafos e confidências particulares, pois nem todos se sentiam confortáveis em compartilhar suas vivências no âmbito coletivo em que ocorriam as aulas. Essas cartas eram entregues tanto a nós participantes do projeto, quanto enviadas a familiares, que a pedido dos reeducandos, eram revisadas, gramaticalmente, por nós.

Na leitura dessas missivas, foi possível perceber que, mesmo em condição de marginalizados e punidos pelo Estado, esses sujeitos expressavam, por meio de sua

escrita, valores que são reproduzidos por outras instituições que contribuem para a formação social, que ditam normas para o convívio em sociedade, como exemplo a igreja e família, mas que, naquele contexto, essas mesmas instituições os designam como marginais e excluídos socialmente.

Nas mesmas cartas, é expresso também a visão de um comportamento institucionalizado que se espera de um cidadão cumpridor de seus deveres sociais e portador de valores éticos, morais e até mesmo religiosos, o que corresponde à expectativa social padrão, normalizadora por meio de suas instituições. Assim, esse comportamento apresentado por meio de seus dizeres, no geral, contraria ao estereótipo social construído acerca do presidiário, como sendo, em sua constituição, um sujeito agressivo, violento, depravado, preso, sujeito marginalizado e irrecuperável para o convívio social.

Assim, surgiu o objeto desta pesquisa, tendo as cartas como nossa materialidade textual, já que as mesmas foram surgindo espontaneamente e que muito nos diz sobre a posição sujeito do reeducando, entre suas oscilações, visão sobre si mesmo e sobre a condição social que o cerca, dentro e fora da prisão.

Como problemática, questionamos como o sujeito reeducando se percebe na zona de conflito marcada, sobremaneira, entre prisão e liberdade? Esses conflitos, que se manifestam por meio das palavras expressas nas cartas, oscilando e, por vezes, contradizendo seus próprios posicionamentos frente ao seu comportamento social e institucional imputado a ele dentro e fora do sistema prisional. Assim, analisaremos os sentidos que essas palavras produzem e em quais formações discursivas estão inscritas, já que exteriorizam aspectos sociais e comportamentais institucionalizados e demonstram aspectos da constituição do sujeito em uma movência histórica, que ora o coloca como recluso, marginalizado, ora, como sujeito sabedouro e cumpridor de valores sociais e institucionais.

Nesse contexto, nos propomos a analisar as cartas dos reeducandos, buscando em seus enunciados as possibilidades de construção e efeitos de sentidos dentro dessa movência entre liberdade e prisão, sujeito reeducando e sujeito livre. Assim, nosso objetivo geral será: analisar a construção do estereótipo do sujeito preso ao considerar sua voz, seu posicionamento discursivo por meio das cartas que escreve de modo espontâneo aos seus interlocutores. Isso significa afirmar que ao considerar seus dizeres permeados de formações discursivas e variações de sentidos, é possível observar em primeira instância que sua voz refrata a ideia construída socialmente pelo senso comum

de maneira generalizante de que, todo preso é um sujeito irrecuperável socialmente, mas que faz refletir um sujeito inscrito no discurso familiar, no discurso religioso e às demais instituições sociais que normalizam as regras de convivência em sociedade.

Sob esse olhar, os objetivos específicos da pesquisa são:

- Identificar, nos enunciados dos reeducandos, regularidades em suas formações discursivas, institucionais (família; Estado; religião; educação formal – escola).
- Descrever como esses sujeitos assimilam sua condição de detentos/reeducandos e excluídos sociais e se eles pregam a ordem de subversão às normas estabelecidas, ou de reprodutores de comportamentos institucionalizados.
- Discutir a relação de poder-saber entre os interlocutores das cartas.
- Discutir de que forma se constrói a subjetividade desses reeducandos em relação a essa fronteira que se dá entre prisão e liberdade.

Com esses objetivos, buscaremos nortear a pesquisa, esperando ainda que esta investigação acrescente uma nova perspectiva em relação à reinserção do reeducando na sociedade como sendo um sujeito constituído pelas formações discursivas, por isso, dando-lhe oportunidades de se refazer socialmente, e não somente, como um sujeito marginal, incapaz de se reintegrar à sociedade.

## **Referencial teórico**

Todos os homens estão sujeitos a transgressões de normas e condutas estabelecidas socialmente, e, em consequência disso, a serem punidos pela ação do Estado. Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir* (2013), fez uma arqueologia da prisão na modernidade, mostrando como do suplício em praça pública os transgressores foram, paulatinamente, encarcerados. A punição que até o século XVIII era realizada em praça pública com castigos que seriam análogos aos crimes cometidos, de forma rápida e pontual, a partir do século XIX, passou a ser com o aprisionamento dos corpos, sejam eles relativos a espaços diferentes e sob aspectos que fugiam a norma social, também, de formas diferentes.

A prisão deve ser um aparelho disciplinar exaustivo. Em vários sentidos: deve tomar a seu cargo todos os aspectos do indivíduo, seu treinamento físico, sua aptidão para o trabalho, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições; a prisão, muito mais do que a escola, a oficina e o exercito, que implicam sempre numa certa especialização, é onidisciplina. Além disso, a prisão é sem exterior e nem lacuna; não se interrompe, a não

ser depois de terminada totalmente tarefa; sua ação sobre o indivíduo deve ser ininterrupta: disciplina incessante. Enfim, ela dá um poder quase total sobre os detentos: tem seus mecanismos internos de repressão e de castigo: disciplina despótica. Leva a mais forte intensidade todos os processos que encontramos nos outros dispositivos de disciplina. Ela tem de ser a maquinaria mais potente para impor uma nova forma ao indivíduo pervertido; seu modo de ação é a coação de uma educação total;[...] (FOUCAULT, 2013, p. 222)

A modernidade cria a prisão do corpo, que exclui o sujeito da vida social, mais que isso, expurga da ordem do discurso a fala desses prisioneiros, pelo menos no que diz respeito àqueles que não são expostos, sendo tomados pela mídia, conforme seu grau de anormalidade e com isso, criando uma espetacularização do crime, explorados pelos meios de comunicação.

Assim, a fundamentação teórica que sustenta essa pesquisa tem como base os dispositivos teóricos e analíticos dos estudos discursivos Foucaultianos, que explicita sua análise em uma perspectiva arqueogenalógica. O reeducando reproduz em sua condição de encarcerado discursos (re) produzidos e constituídos, institucionalmente, sob todos os seus prismas, seja social, religioso, familiar e, ainda, escolar, perfazendo, por meio de sua sequência discursiva, um deslocamento de significados a própria imagem que tem de si. Fazendo com que, dentro daquela situação de privação de liberdade, seus dizeres se encontrem enraizados a instâncias anteriores, mas que vão ganhando esse novo significado conforme ele, reeducando, se coloca nessa fronteira entre prisão e liberdade e estabelecendo uma construção de relação de poder entre os interlocutores das cartas enviadas e com o próprio sistema social.

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado, até dos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo da instância. (FOUCAULT, 2012, p. 30).

Contribuindo com essa discussão, em que o reeducando reflete as forças impostas a ele, necessitando de estímulos positivos para sua reintegração social, ressaltamos ainda em Foucault (2014), que:

[...] por mais que o discurso, aparentemente, pareça pouco importante, as interdições que o atingem, logo revelam a sua ligação com o desejo e com o poder. E o que há de surpreendente nisso, já que o discurso-como psicanálise nos demonstrou- não é simplesmente o que manifesta (ou oculta) o desejo; é também o que é o objeto do desejo; e já que - a história não cessa de nos indicar o discurso não é simplesmente o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2014, p. 09-10).

Assim, nos basearemos pelos estudos discursivos Foucaultianos, bem como, em alguns estudiosos dessa mesma linha de pesquisa no Brasil e com as contribuições teóricas de Michel Pêcheux, que acrescentem a essa discussão.

A escolha da Análise do Discurso na perspectiva Foucaultiana, se deu em função de ela não trabalhar apenas com a abstração da língua, com a limitação de seu significado, mas sim, com a linguagem enquanto discurso constituído, a todo o momento, pelos aspectos sociais, históricos e políticos, desvendando, assim, um sujeito que também é constituído por esses fatores e que vai se moldando, se transformando, estabelecendo contradições, conforme se reconhecem em dada situação social/temporal/espacial, que no caso de nosso estudo se manifestam por meio das cartas.

Dessa forma, verificamos que os discursos materializados nos textos (cartas) trazem à tona contestações a algumas verdades pré-concebidas, e veiculadas por uma sociedade dita padrão, de que reeducandos marginalizados, refutam, em sua maioria, valores institucionais, religiosos, familiares e éticos em suas formas de pensar e de agir em seu cotidiano, sendo ele encarcerado, ou na sua perspectiva de liberdade. Em uma análise mais acurada desses discursos, mostraremos a emergência de uma desconstrução desses modelos.

Nesse segmento, nosso construto teórico iluminará os atravessamentos que permeiam o sujeito reeducando, que materializa seus discursos em cartas, bem como as suas condições de possibilidades que o impelem a produzir tais discursos, em determinado momento e não em outro, em dizer algo sob determinações de aspectos históricos e sociais que lhes são próprios.

Assim, nosso fundamento teórico será a Análise do Discurso foucaultiana, que nos possibilitará investigar os processos de constituição dos sujeitos, suas inscrições em formações discursivas, as relações de poder perpassadas pelos discursos e a produção da subjetividade que emergem nas cartas.

## **Metodologia**

A proposta de metodologia para essa pesquisa se dará em uma perspectiva arqueogenealógica, em que a análise do objeto de pesquisa – cartas de reeducandos – não se restringirá a aspectos formais e estruturais da língua, nem tão pouco às intencionalidades subjacentes em cada dizer. Mas, sim, buscar explicitar o que, dentro

daquele recorte temporal e espacial, fez emergir de sujeitos que se constituíram de discursos e práticas sociais que os fazem se identificar como reeducandos e que, ao mesmo tempo, se deslocam em seus discursos, como sujeitos livres, reestruturados para conviverem em sociedade e com projetos de vida a serem desenvolvidos nessa mesma sociedade que os condenaram a viver em reclusão no espaço prisional.

A questão que coloco é aquela, não dos códigos, mas dos acontecimentos: a lei de existência dos enunciados, o que os torna possíveis – eles e algum outro em seu lugar; as condições de sua emergência singular; sua correlação com outros acontecimentos anteriores ou simultâneos, discursos ou não. A esta questão, entretanto, tento responder sem me referir à consciência, obscura ou explícita, dos sujeitos falantes; sem relacionar os fatos de discurso à vontade- talvez involuntária- de seus autores; sem invocar essa intenção de dizer que é sempre com excesso de riqueza em relação ao que se diz; sem tentar captar a ligeireza inaudita de uma palavra que não teria texto. [...] o que faço é arqueologia... (FOUCAULT, 2013, p. 9)

Nesse caminho, construiremos o aporte teórico por meio de pesquisa bibliográfica que busca explicitar as teorias foucaultianas que embasam nossa análise, tendo como principais conceitos a serem desenvolvidos a noção de poder, em relação aos reeducandos e seus interlocutores; a noção de subjetividade, buscando identificar em como esses sujeitos reeducandos se percebem nessa fronteira entre prisão e liberdade; e o conceito de formação discursiva que faz com que esses sujeitos tenham seus discursos, por vezes, contraditórios, frente ao olhar que tem sobre si mesmo.

Após essa etapa, partiremos para o recorte do corpus que será constituído de cartas de autoria de presos, destinadas a seus familiares e a participantes do projeto de extensão, assim como, destinadas a mim, pesquisadora, por, naquela ocasião, ser a coordenadora do projeto desenvolvido, nos anos de 2007 e 2008, no sistema prisional de Morrinhos-GO. É importante salientar que o número de 03 (três) cartas para o corpus deste trabalho, se deu pelo motivo de, alguns participantes do projeto, apesar de também, terem recebido as cartas, não deram a devida importância para o estudo em questão e, com isso, não as guardaram, restando sob nossa posse, essas que estarão no corpo de nossa pesquisa. Assim, com os recortes feitos, descreveremos e analisaremos essas cartas considerando o tema proposto, tendo como parâmetro o referencial teórico supracitado.

Nesse sentido, a pesquisa proposta é de natureza descritiva e analítica. Descritiva porque descreveremos as condições de possibilidades que emergem na materialidade das cartas escritas pelos reeducandos, em que estão presentes as marcas sociais e históricas de seus dizeres, bem como aspectos linguísticos característicos dessa

materialidade discursiva. Analítica porque analisaremos os discursos materializados nas cartas, marcados, às vezes, de forma contraditória, promovendo um deslocamento de posicionamento do sujeito reeducando presente nessas missivas.

Para a construção do objeto de análise, cartas, descreveremos, a seguir, como tivemos acesso a elas e em quais circunstâncias foram escritas.

Nos anos de 2007 e 2008, foi desenvolvido, no sistema prisional de Morrinhos-GO, o projeto de extensão coordenado por mim, juntamente com alguns alunos do curso de letras da UEG. O projeto em questão foi denominado *Mente Livre*, nome escolhido pelos próprios detentos por meio de concurso desenvolvido entre eles, organizado pelos participantes do projeto de extensão. Tínhamos como objetivo alfabetizar e ampliar noções de leitura e escrita, bem como reflexões sobre a reinserção desses sujeitos no convívio em sociedade, buscando refletir sobre a valorização da autoestima, já que essa se faz ameaçada dentro do ambiente de cárcere.

Esse projeto foi solicitado pelo diretor do sistema prisional em questão, naquele período vigente, alegando a necessidade da educação sistematizada como forma de, de fato, reeducar esses sujeitos dando-lhes o que é de direito, o acesso à educação, garantido por lei de execução penal<sup>1</sup>.

Com os tramites do projeto acertados entre Universidade e Sistema Prisional, realizamos um diagnóstico em relação à demanda interessada a participar das aulas. Dentre os 96 (noventa e seis) reeducandos, permanentes, daquele local, 62 (sessenta e dois) manifestaram interesse em participar. Dividimos, então, turmas por nível de escolaridade, desde analfabetos àqueles que tinham até 8ª série. Como forma de organização, os separamos em dias e horários diferentes, sendo que cada turma teria 02 (dois) encontros semanais.

No decorrer dos encontros, entre reeducandos e nós extensionistas e com a confiança sendo estabelecida entre os interlocutores, foram surgindo cartas, enviadas de forma espontânea, como forma de desabafo, confidências e ou agradecimento pelo trabalho realizado ali, junto a eles. Segundo eles mesmos e por muitas vezes, sendo materializado nas cartas, estava sendo oferecido naquele momento e local de cárcere e

---

<sup>1</sup> A lei de execução penal nº 7.210/84. Institui a Lei de Execução Penal, que regulamenta no Brasil o cumprimento de penas estabelece em seu Art. 1º que a execução penal tem por objetivo proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado, no Art. 10 preconiza que a assistência ao preso deve objetivar a orientação e o retorno ao preso à convivência social. Em seu Art.17, prescreve que o preso deverá ter assistência educacional que compreende “ a instrução escolar e a formação profissional”. A lei determina ainda que o ensino fundamental é obrigatório, devendo integrar-se no sistema escolar da unidade federativa.

sem nada em troca, o que deveria ter sido oferecido pela sociedade no momento em que estavam livres, mas que tal oportunidade não teria sido dada a eles.

Ainda, nessa mesma menção de agradecimentos, segundo os próprios reeducandos, o fato de somente naquela situação ter sido ofertado a eles, talvez, fosse um dos motivos que os levaram a infringir leis impostas pelo mesmo Estado, que em sua função máxima, deveria ter-lhes proporcionado acesso à educação, como forma de inserção e ascensão social, conforme relatos orais dos reeducandos e manifestado nas cartas.

No desenvolver do projeto de extensão, foram enviadas 03 cartas direcionadas a nós extensionistas, já que as das famílias eram endereçadas as mesmas, porém passavam por nosso olhar, como gesto de confiança no que dizia respeito a correções gramaticais. E já como mencionado, 03 (três) delas ficaram sob meus cuidados.

Com um olhar mais acurado para essas missivas, foi possível perceber um estereótipo na contra mão do que se espera de um reeducando, tido como excluído social e marginalizado. Contrário a isso, percebemos um sujeito que se vê como excluído social, mas que reproduz, em suas missivas, e em seus discursos, valores éticos, morais e religiosos, socialmente, estabelecidos. Percebemos, então, que seus dizeres refletiam uma formação discursiva na ordem de um discurso cidadão, e cumpridor de seus deveres a respeito de valores familiares e sociais, e que, em determinados trechos das cartas, davam uma ressignificação, por meio de afirmativas e indagações ao que se projeta de um sujeito privado de liberdade imputada pelo Estado. Assim, há uma contradição em seus dizeres que oscilam entre a formação discursiva do sujeito tido como honesto, versus, a formação discursiva de um sujeito que se vê infrator.

Nosso ensejo seria dar continuidade ao projeto por mais tempo, porém, o mesmo foi interrompido, a contra gosto dos extensionistas e do diretor do presídio, ao final de 2008, por motivos institucionais. Esses motivos se deram por duas razões: primeiro, houve uma fuga de 12 detentos que repercutiu de maneira negativa para o presídio; e segundo, à mesma época tanto o diretor do presídio, quanto o assistente social que acompanhavam o desenrolar do projeto foram transferidos. Em consequência disso, houve a ausência de um representante direto do presídio que pudesse acompanhar nosso trabalho junto aos reeducandos, interrompendo a execução do projeto de extensão.

Mas, como já dito, ficou um acervo de 03 (três) cartas de reeducandos, sob meus cuidados, que serão nossa materialidade a ser pesquisada. Essas cartas foram escritas,

reescritas e ampliadas, e atingiram extensão significativa, média de dez páginas, tornando-se uma espécie de Memorial. Assim, constitui material suficiente para a composição do corpus de nossa pesquisa.

Para o desenvolvimento deste trabalho, com o propósito de descrever e analisar o objeto – cartas – fundamentado nos pressupostos teóricos da análise do discurso em uma perspectiva foucaultiana, organizaremos para uma melhor compreensão em três capítulos: No primeiro capítulo, traremos uma breve síntese da história das prisões e como se dá o educacional no sistema prisional; no segundo capítulo, faremos uma abordagem teórica metodológica à luz da teoria da análise do discurso, momento em que apresentaremos os pressupostos teóricos que fundamentarão a pesquisa, tais como: sujeito; formação discursiva; autoria; relações de poder e subjetividade. Já no terceiro capítulo, realizaremos a descrição dos dados e sua análise. E por fim, teceremos as considerações finais referentes à análise dos dados realizada.

Assim, teremos como aporte teórico para esta pesquisa a Análise do Discurso (AD) na perspectiva foucaultiana, que busca compreender o espaço sócio histórico em que o sujeito está inserido, que representa e produz discursos de onde se fala e em que situação se fala, demonstrando um rompimento com a análise estruturalista do texto. A AD de linha Francesa, a qual utilizaremos, tem seu método construído pelo analista e pensa a historicidade dos discursos, o discurso como prática, considerando as relações discursivas, abordando o discurso enquanto prática, sendo esse materializado na linguagem, no caso, em questão, representada pela escrita nas cartas. Para tanto, Foucault (2012. p. 56), nos afirma:

As relações discursivas, como se vê, não são internas ao discurso: não ligam entre si os conceitos ou as palavras; não estabelecem entre as frases ou as proposições uma arquitetura dedutiva ou retórica. Mas não são, entretanto, relações exteriores ao discurso, que o limitariam ou lhe imporiam certas formas, ou o forçariam, em certas circunstâncias, a enunciar certas coisas. Elas estão de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes, (pois essa imagem da oferta supõe que os objetos sejam formados de um lado e o discurso do outro), determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou quais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los, etc. Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática.

Sob esse olhar, o sujeito e o discurso se constituem na exterioridade, com isso o discurso se dá no funcionamento da língua em um dado momento histórico social.

Exposto esse breve esboço da pesquisa, teceremos adiante a construção teórica que dará aporte a nossas análises.

## **CAPÍTULO I – SISTEMA PRISIONAL E O EDUCANDO NA PRISÃO**

Dedicaremos esse capítulo a um breve histórico das prisões, haja vista que nossos sujeitos de pesquisa são reeducandos do sistema prisional de Morrinhos- GO. Esses reeducandos – assim o chamaremos, conforme será exposto no decorrer desse capítulo – manifestaram discursivamente, em suas cartas, nosso objeto de pesquisa, o seu olhar sobre si e sobre a sociedade que o condenou, manifestando suas contradições enquanto sujeito preso, mas que deseja a liberdade.

Nesse breve histórico das prisões, abordaremos a finalidade da prisão desde sua criação, passando por suas transformações conceituais e factuais ao que se tornou, hoje, como proposta de reeducação daqueles que cometeram infrações contra a sociedade. E esses infratores adquiriram o direito de se reintegrarem a essa mesma sociedade, que os condenou, por meio da educação prisional. Apontaremos, também, como esse espaço restrito da prisão constitui o sujeito reeducando, manifestando suas objetividades e subjetividades em condutas frente à condição de encarcerado com suas representações sociais de si e do mundo que o cerca. Vale ressaltar, que nesse capítulo, não pretendemos exaurir todas as discussões acerca do tema, mas sim, dar subsídios para que possamos descrever e contextualizar o espaço que constitui nosso sujeito de pesquisa, o reeducando.

Para tal exposição, nos nortearmos pelos estudos de Michel Foucault, sobretudo na obra: *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões* (2013), que aborda o percurso histórico das prisões desde sua criação chegando à modernidade, bem como: *A verdade e as formas jurídicas* (2013b) que trata, sobretudo, do discurso e as verdades produzidas, historicamente, e os dispositivos da sociedade de controle. Para implementar as discussões, recorreremos, também, à Tese de doutoramento de Selmo Haroldo de Resende (2002), intitulada: *VIDAS CONDENADAS: o educacional na prisão*, que se dedicou a pesquisar as vidas nas prisões e como elas se constituem. Nos apoiaremos, ainda, à Cammarosano (2012), que se dedicou ao estudo da/na prisão e a educação prisional, bem como, Marc de Maeyer (2009), que se ocupou de estudar as prisões na América Latina.

## Ia - Breve histórico das prisões

Para que possamos compreender como se dá a história das prisões, é necessário focarmos a uma transformação histórica ocorrida entre os séculos XVII e XVIII (idade clássica) até a era que conhecemos hoje, como moderna. Essa transformação se deu em virtude do fator disciplinar que deixou de ser do tipo fechado, centrado no poder soberano que se consolidava por meio de espetáculos para a multidão, sendo caracterizado como suplício. E passou a ser aberta e indefinida, executada por uma única pessoa, agindo em sua discricção frente à sociedade, assim caracteriza-se uma sociedade disciplinar que abrange os campos econômico, científico e jurídico-político.

Mas, na sua medida em que a punição põe em cena, aos olhos de todos, o crime em toda a sua severidade, deve assumir essa atrocidade: deve trazê-la à luz por meio de confissões, discursos, inscrições que a tornem pública: deve reproduzi-la em cerimônias que apliquem ao corpo do culpado sob forma de humilhação e de sofrimento. A atrocidade é essa parte do crime que o castigo torna em suplício para fazer brilhar em plena luz: figura inerente ao mecanismo que produz, no próprio coração da punição, a verdade visível do crime. O suplício faz parte do procedimento que estabelece a realidade do que é punido. (FOUCAULT, 2013, p.55)

Esse poder disciplinar, como afirma Resende (2002), passou a ser o modelo social que se configura sob a égide da disciplina, é a sociedade punitiva, a sociedade da vigilância, caracterizando-se pela instauração generalizada do controle social. O que nos interessa, nesse momento, para nossa pesquisa, refere-se ao campo jurídico e penal em que a sociedade disciplinar incide. Nessa sociedade disciplinar três princípios a fundamentam como doutrinária: o crime é a ação contrária à lei; a lei deve trazer em sua positivação a definição de ato infracionário; e, a conceituação objetiva do crime como sendo um dano social e não um pecado ou uma falha moral.

Onde se faz a diferença é no procedimento de acesso ao indivíduo, na maneira como o poder punitivo se apossa deles, nos instrumentos que utiliza para realizar essa transformação; é na tecnologia da pena, não no seu fundamento teórico; na relação que ela estabelece no corpo e na alma, e não na maneira como ela se insere no interior do sistema do direito. (FOUCAULT, 2013, p.123).

Dessa forma, o criminoso já não é mais aquele que peca contra os preceitos religiosos e morais impostos pela própria igreja, mas sim, aquele que viola e perturba a ordem social, causando danos a ela. Praticando essas infrações, o criminoso será submetido às prescrições do aparato jurídico penal, em sua nova forma de organização,

principalmente a partir do desenvolvimento da sociedade industrial, sendo ele enclausurado sob as normas disciplinares. Institui-se, assim, a prisão moderna.

poderíamos dizer que, no direito monárquico, a punição é um cerimonial de soberania; ela utiliza as marcas rituais da vingança que aplica sobre o corpo do condenado; e estende sob os olhos dos espectadores um efeito de terror ainda mais intenso por ser descontínuo, irregular e sempre acima de suas próprias leis, a presença física do soberano e de seu poder. No projeto dos juristas reformadores, a punição é um processo para requalificar os indivíduos como sujeitos de direito; utiliza, não marcas, mas sinais, conjuntos codificados de representações, cuja circulação deve ser realizada o mais rapidamente possível pela cena do castigo, e a aceitação a mais universal possível. Enfim, no projeto de instituição carcerária que se elabora, a punição é uma técnica de coerção dos indivíduos; ela utiliza processos de treinamento do corpo- não sinais- com traços que deixa, sob a forma de hábitos, no comportamento; e ela supõe a implantação de um poder específico de gestão da pena. (FOUCAULT, 2013, p.126).

Neste contexto, nasce a prisão moderna, a que não mais sentencia com o suplício do corpo, mas sim, com o enclausuramento, objetivando a transformação e readequação do indivíduo aos moldes sociais. Dessa forma, a prisão lida com o controle do infrator, buscando ajustá-lo, socialmente, ao invés do puro castigo. Essa ideia de prisão se intensifica no século XIX, pois tudo que se refere a penalidades perpassa pela ideia de controle, não somente para o indivíduo que praticou o crime, mas também, àquele que pode vir a praticar. Sendo assim, o controle, tendo em vista suas penalidades, não se restringe ao campo jurídico, mas, a todas as instituições capazes de trazer o indivíduo para a virtuosidade social.

Toda a penalidade do século XIX passa a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram os indivíduos está em conformidade, ou não, com a lei, mas sobre o que podem fazer o que são capazes de fazer, o que estão sujeitos a fazer, o que estão na eminência de fazer. (FOUCAULT, 2013b, p.86).

Complementando a afirmação de que outras instituições fazem parte desse controle social de indivíduos vemos em Foucault que

o controle dos indivíduos, essa espécie de controle penal punitivo dos indivíduos ao nível de suas virtualidades, não pode ser efetuado pela própria justiça, mas por uma série de outros poderes laterais, à margem da justiça, como a polícia e toda rede de instituições de vigilância e de correção- polícia para a vigilância, as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas para a correção. É assim, que no século XIX, desenvolve-se, em torno da instituição judiciária e para lhe permitir assumir a função de controle dos indivíduos quanto a sua periculosidade, uma gigantesca série de instituições que vão enquadrar os indivíduos ao longo de sua existência; Instituições pedagógicas como a escola, psicológicas ou psiquiátricas como o hospital, o asilo, a polícia etc. Toda essa rede de um poder que não é judiciário deve desempenhar uma das funções que a justiça se atribui neste momento: função não mais de punir as infrações dos indivíduos, mas de corrigir suas virtualidades. (FOUCAULT, 2013b, p.87).

Com essa nova abordagem disciplinar, em que o indivíduo estará sob o controle das instituições, surge o modelo de Panóptico, ou Panóptico, implantado como forma de vigia incessante sobre os corpos, instaurando, assim, a sociedade de controle. Para (FOUCAULT, 2013b, p. 88), o Panopticon

era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas havia, segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando sua loucura etc. Na torre central havia um vigilante. Como cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela; não havia nela um ponto de sombra e, por conseguinte, tudo o que fazia o indivíduo estava exposto ao olhar do vigilante que observava através das venezianas, de postigos semicerrados de modo a poder ver tudo sem que ninguém, ao contrário, pudesse vê-lo.

Com essa forma arquitetônica aplicada às instituições, o panoptismo pode funcionar como várias funções, incidindo sobre os vigiados, sejam eles quem fosse. Essa nova ordem de poder que vigia e controla, permanentemente, e que visa à formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas adotadas, socialmente, desencadeia uma automatização do poder, pois, para Resende (2002), o indivíduo que está dentro desse modelo se sente sempre vigiado, assim os efeitos de vigilância, mesmo que cessados por algum tempo, se fazem eficazes, pois se tem, sempre, a certeza de estar sendo observado, estando esse indivíduo, o tempo todo, vinculado a uma relação de poder.

Com tal constituição do poder, sem mesmo utilizar a força bruta, pois a ideia de vigilância perpassa por aquele que ocupa o panóptico, esse modelo acaba produzindo corpos dóceis, e que se submetem ao que cada instituição pretende. Para essa ação (FOUCAULT, 2013b, p. 87) denominou como ortopedia social, sendo uma forma de poder, de um tipo de sociedade que classifico de sociedade disciplinar por oposição às sociedades penais que conhecíamos, anteriormente.

No que se refere à pesquisa em questão, nos ateremos ao panoptismo do sistema carcerário. Para Foucault (2013), esse sistema se instaurou a partir do século XIX com a inauguração oficial de Mettray, instituição carcerária que aglutinou todas as formas disciplinares em seu estado mais intenso para a aplicação de tecnologias coercitivas de comportamento aos jovens tidos como delinquentes da época. Essa tecnologia era voltada para a técnica comportamental em que por meio do adestramento e constante observação, fabricavam-se corpos dóceis e capazes de serem, novamente,

institucionalizados socialmente. Essa tecnologia, ainda segundo Foucault (2013), vai para além do sistema carcerário, amplia-se para todas as relações sociais.

Nesse movimento, em função de as tecnologias do sistema carcerário reverberarem na sociedade como um todo, segundo Resende (2002), cria-se um vínculo de reciprocidade entre as instituições, de modo que os padrões punitivos se assemelhem, criando uma dispersividade entre elas, embora haja uma coerente organização, buscando cada uma delas, identificar o desvio, a anormalidade.

No que diz respeito, especificamente, ao sistema carcerário, o cumprimento das penas visa à reeducação, à reabilitação, à recuperação dos indivíduos que são, ali, assistidos. Assim, a prisão passa a ter uma função e torna-se uma instituição educativa. Para que essa conduta de reeducação fosse posta em prática, foi preciso criar a imagem do delinquente, aquele que foge às normas e necessita ser incluído, novamente, à sociedade por meio dos mecanismos pedagógicos da prisão, sendo necessário impor a ele uma formação disciplinar.

a prisão conseguiu muito bem produzir a delinquência, tipo especificado, forma política ou economicamente menos perigosa- talvez até utilizável- de ilegalidade; produzir os delinquentes, meio aparentemente marginalizado, mas centralmente controlado; produzir o delinquente como sujeito patologizado. O sucesso da prisão: nas lutas em torno da lei e das ilegalidades, especificar uma “delinquência”. Vimos como o sistema carcerário substitui o infrator pelo “delinquente”. [...] Ora, esse processo de constituição da delinquência- objeto se une à operação política que dissocia as ilegalidades e delas isola a delinquência. [...] O circuito da delinquência não seria o subproduto de uma prisão que, ao punir, não conseguisse corrigir; seria o efeito direto de uma penalidade que, para gerir as práticas ilegais, investiria algumas delas num mecanismo de “punição- reprodução” de que o encarceramento seria uma das peças principais. (FOUCAULT, 2013, p.262-263).

Vale ressaltar, o que implica, para a prática penal, a transição do termo infrator para delinquente:

O delinquente se distingue do infrator pelo fato de não ser tanto seu ato quanto sua vida o que mais o caracteriza. A operação penitenciária, para ser uma verdadeira reeducação, deve totalizar a existência do delinquente, tornar a prisão uma espécie de teatro artificial e coercitivo onde é preciso fazê-la totalmente. O castigo legal se refere a um ato; técnica punitiva a uma vida; cabe-lhe, por conseguinte reconstituir o ínfimo e o pior na forma do saber; cabe-lhe modificar seus efeitos ou preencher suas lacunas, através de uma prática coercitiva. Conhecimento da biografia, e técnica da existência retreinada. . (FOUCAULT, 2013, p.238).

Deste modo, de forma organizada, em que o indivíduo passa a constituir não somente um segmento de marginalizado, mas, controlado pelo sistema carcerário, a

prisão passa ter a função de punir para educar e reestruturar, socialmente. O delinquente passa a ter uma rotina de organização e docilidade, sob a vigilância constante, isso faz com que ele acabe por reproduzir esse comportamento na vida em sociedade. Sociedade essa que criou, também, no século XIX, ações consideradas ilegais, que por consequência restringe àqueles que não cumprem as práticas legais, tornando-se, então, um delinquente.

Na realidade a utilização da delinquência como meio ao mesmo tempo separado e manejável foi feita principalmente nas margens da legalidade. Ou seja, instalou-se, também, no século XIX uma espécie de ilegalidade subordinada, cuja docilidade é garantida por sua organização em delinquência, com todas as vigilâncias em que isto implica. A delinquência, ilegalidade dominada, é um agente para a ilegalidade dos grupos dominantes. [...] a existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sobre o qual se chega a exercer controle e a tirar um lucro ilícito por meio de elementos ilegais, mas tornados manejáveis por sua organização em delinquência. Esta é um instrumento para gerir e explorar as ilegalidades. (FOUCAULT, 2013, p.264).

Nesse contexto, o prisioneiro deve, ao cumprir sua pena, rever suas ilegalidades e restituir sua forma de pensar, reestruturando sua conduta. Ele deve aprender a respeitar a ordem legal estabelecida para operar uma transformação e controle de si, em conformidade com as regras postas. Com esse movimento, é legitimado às prisões o poder de punir, instaurando o poder disciplinar àqueles que se submetem a ela.

Assim, nascem as prisões, saindo de uma realidade em que a punição atingia os corpos em forma de suplício, e que, a partir de então, a pena é atribuída com a privação de liberdade e transformação dos indivíduos, tornando-se uma instituição voltada para a correção daquele que foi denominado delinquente.

Esse duplo fundamento- jurídico- econômico por um lado, técnico – disciplinar por outro- fez a prisão aparecer como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas. E foi esse duplo funcionamento que lhe deu imediata solidez. Uma coisa, com efeito, é clara: a prisão não foi primeiro uma privação de liberdade a que se teria dado em seguida uma função técnica de correção; ela foi desde o início uma “detenção legal” encarregada de um suplemento corretivo, ou ainda uma empresa de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade permite fazer funcionar no sistema legal. Em suma, o encarceramento penal, desde o início do século XIX, recobriu ao mesmo tempo a privação de liberdade e a transformação técnica dos indivíduos. (FOUCAULT, 2013, p.219).

Nessa perspectiva, a prisão, segundo Foucault (2013), caracterizou-se como a mais eficiente dos panopticons institucionais, pois nela, se vigia, se observa, se isola, se forma saber, se totaliza, se individualiza de modo completo e permanente. Ela preconiza uma atividade onidisciplinar que estabelece um saber como norma, tendo o papel de garantir a reforma de um indivíduo útil para a sociedade. A partir da observância dos

prisioneiros, são coletados dados que servem para o conhecimento dos mesmos e, com isso, instaurar uma nova prática de produção de saberes que possam acompanhar e produzir a virtualidade do indivíduo que atende às normas sociais. Essa tecnologia é chamada de poder epistemológico:

Trata-se de um poder epistemológico, poder de extrair dos indivíduos um saber e extrair um saber sobre esses indivíduos submetidos ao olhar e já controlados por esses diferentes poderes. Isto se dá, portanto de duas maneiras. Em uma instituição como a fábrica, por exemplo, o trabalho operário e o saber operário sobre seu próprio trabalho, os melhoramentos técnicos, as pequenas invenções e descobertas, as microadaptações que ele puder fazer no decorrer do trabalho são imediatamente anotadas e registradas, extraídas, portanto, da sua prática, acumuladas pelo poder que se exerce sobre ele por intermédio da vigilância. Desta forma, pouco a pouco, o trabalho do operário é assumido em um certo saber de produtividade ou um certo saber técnico de produção que vão permitir um reforço do controle. Vemos, portanto, como se forma um saber extraído dos próprios indivíduos, a partir de seu próprio comportamento. (FOUCAULT 2013b, p.119).

E ainda, acrescenta-se ao saber advindo do poder epistemológico outra forma de saber:

Um saber sobre os indivíduos que nasce da observação dos indivíduos, da sua classificação, do registro e da análise dos seus comportamentos, da sua comparação etc. Vemos assim nascer, ao lado desse saber tecnológico, próprio a todas as instituições de sequestro, um saber de observação, um saber de certa forma clínico, do tipo da psiquiatria, da psicologia, da psissociologia, da criminologia, etc. É assim que os indivíduos sobre os quais se exerce o poder ou são aquilo a partir do que se vai extrair o saber que eles próprios formaram e que será retranscrito e acumulado segundo novas normas, ou são objetos de um saber que permitirá também novas formas de controle. (FOUCAULT 2013b, p.119).

Amparados nessa nova tecnologia, o poder de punir atinge não somente o corpo do prisioneiro, encarcerado, restrito a um espaço, mas, também, atinge a alma, pois novos saberes passam a constituí-lo, perfazendo um novo modo de existir em sociedade. Com isso, o sujeito social preso é constituído por esse local de enclausuramento, de restrições, de submissão a novas regras de controle e inserção de novos saberes que o designam a transformar-se em um sujeito de obediência, sendo adestrado, ou reeducado para o convívio em sociedade.

### **Ib- A educação nas prisões**

A partir do momento em que a prisão, enquanto instituição disciplinar, assumi esse papel de reeducar o indivíduo/delinquente para que o mesmo possa se reintegrar à sociedade, passou-se a ter uma intervenção educacional nas práticas prisionais. E ao que

tange nossa pesquisa, nos ateremos à legislação que normatiza essas práticas e condutas educacionais que veiculam, ao menos no que se espera, nas prisões atuais.

Dado esse recorte, no ano de 2010 foi aprovada uma lei dentro das Diretrizes Nacionais que faculta o direito e, mais que isso, o dever de as prisões ofertarem educação para jovens e adultos privados de liberdade em estabelecimentos penais, tendo como objetivos recuperar o apripionado e devolvê-lo à sociedade com um projeto de vida adequado à convivência social. Assim, esses reclusos têm garantido por lei o direito à educação, conforme Parecer CNE/CEB nº 4/2010,

Compreendo a educação como um dos únicos processos capazes de transformar o potencial das pessoas em competências, capacidades e habilidades, e o educar como ato de criar espaços para que o educando, situado organicamente no mundo, empreenda a construção do seu ser em termos individuais e sociais, o espaço carcerário deve ser entendido como um espaço educativo, um ambiente socioeducativo. Assim sendo, todos que atuam nessas unidades- dirigentes, técnicos e agentes- são educadores e devem estar orientados nessa condição. Todos os recursos e esforços devem convergir, com objetividade e celeridade, para o trabalho educativo. (p.14).

Nesses moldes, temos instaurada uma educação penal, com o propósito de estabelecer uma reeducação para com os indivíduos apenados, que de infratores passaram a delinquentes, sendo facultado a eles o direito de refletirem e se reestruturarem para que possam retornar à sociedade sob as normas vigentes que nela, e por ela, são estabelecidas.

Porém, mesmo com essa lei aprovada, ainda há dificuldades e resistência em relação ao poder público em aplicá-la nas próprias instituições prisionais em geral, por vários motivos, desde o logístico, infraestrutura e financiamento, mas, sobretudo pela própria opinião pública que ainda se vê contrária a esse olhar direcionado a um indivíduo preso que cometeu crimes contra a própria sociedade e que, agora, essa mesma sociedade se propõe a recuperá-lo. Sob essa ótica, Maeyer (2009), que se dedicou ao estudo da educação nas prisões, vem contribuir com algumas informações:

A opinião pública não suportaria que fosse dada maior atenção aos culpados do que às vítimas, e os gestores das prisões, na maioria das vezes superlotadas, apresentam outras urgências a dar conta: segurança, controle do tráfico, garantia das necessidades básicas como alimentação, higiene e saúde. (MAEYER, 2009, p. 12)

Desta maneira se configura o cenário, das prisões, em que ainda, nem todas, fizeram vigorar a lei referente à educação aos apenados. Em alguns casos, essa lacuna no espaço prisional acaba sendo preenchida por instituições externas, governamentais e não governamentais, que atuam nas prisões com o propósito de reestruturar e ressocializar esses prisioneiros para a reintegração no mundo social. São instituições

como igrejas, dos mais diferentes credos, ONGs, e projetos universitários que tentam desenvolver trabalhos de alfabetização e de reflexão sobre a vida e suas possíveis transformações em relação aos aprisionados.

Reafirmando essa asserção, Maeyer (2009), diz que essa educação tem a finalidade não só momentânea e estrutural, mas também, de levar esse aprisionado a inscrever-se em uma mudança contínua pela vida. E que esse processo deve ser vivido por todos os atores que vivenciam esse cotidiano no espaço do sistema prisional. Assim, independente de qual instituição adentre o espaço prisional com o objetivo claro de levar reflexões e ou conhecimentos estruturais escolares, vêm contribuir para a ressocialização do prisioneiro.

Sob essa ótica, tendo como referência a pesquisadora Onofre (2012), que também se dedica a pesquisa sobre o espaço prisional e educação nas prisões, há que se defender os espaços educacionais na prisão, pois:

A escola na prisão, assim como as demais práticas sociais ali existentes, é geradora de interações entre os indivíduos, promove situações de vida com melhor qualidade, enraíza, recompõe identidades, valoriza culturas marginalizadas, promove redes afetivas e permite (re) conquistar cidadania. Inserida em um espaço repressivo, ela potencializa processos educativos para além da educação escolar, evidenciando-se a figura do professor como ator importante na construção de espaços onde o aprisionado pode (re) significar o mundo como algo dinâmico e inacabado. (ONOFRE, 2012, p.205)

É importante salientar que, quando esse personagem que vai ao espaço prisional para perfazer essa ação de ressocialização, seja ele o professor, ou demais representantes de outras instituições que adentram esse espaço, se faz necessário que cada um, se adeque às normas impostas para aquele local. Como qualquer ser humano, dotado de consciência e senso de humanização, o reeducando se vê em conflito naquele espaço de encarceramento e restrição dos corpos. Como forma de precaução, no sistema carcerário, são repassadas essas normas de conduta e interação com o próprio preso para que não haja envolvimento entre as partes. Amparando-nos em Onofre (2012, p.211) ele afirma que: é importante considerar que os professores passam por processo semelhante à chegada do novato na prisão, quando lhe são passadas as regras da prisão pela equipe dirigente, no processo denominado “boa vindas”. Com essa prática, evita-se que as normas e logo, a dinâmica daquele local sejam infringidas.

Ainda sobre esse contexto, lemos em Onofre:

Dadas as características da prisão e a situação social dos sujeitos que nela vivem, torna-se, portanto, imprescindível, a compreensão do espaço onde a escola está inserida, a fim de estabelecer uma estratégia educativa que contemple a complexidade e a singularidade da instituição. A “sociedade dos cativos” se organiza em função de regras e códigos, o que nos leva a supor

que estes produzem nos indivíduos efeitos em sua convivência diária, nas concepções sobre a realidade e em sua própria situação no âmbito da escola. A escola, mesmo inserida na prisão, é considerada uma instituição com responsabilidades específicas, que se distingue de outras instâncias de socialização e tem identidade própria e relativa autonomia. (ONOFRE, 2012, p.211)

Não podemos nos esquecer, ainda de acordo com Onofre (2012), de que o professor ou outro representante de instituição que adentre e interaja no espaço prisional, que tem por objetivo levar os conhecimentos específicos e estruturais para os que ali cumprem suas penas, também, contribuem - por meio de diálogos e sensibilidade para com suas dores e histórias, muitas vezes, relatadas oralmente e ou por meio de escritas - para a construção de um projeto de vida. Por isso, as regras repassadas a esses professores serem priorizadas, para que essa interação não ultrapasse as normas institucionalizadas por aquele sistema carcerário.

Ainda é importante salientar que, para o apenado, essa relação com o professor, talvez seja a única entre ele e o mundo externo, para com aqueles que estejam fora dos muros, haja vista que muitos deles perdem seu contato com a própria família. Sendo assim, essas normas precisam ser cumpridas entre as partes para que não haja algum tipo de envolvimento que burla a dinâmica daquele espaço.

Diante dessa discussão, não podemos deixar de mencionar os espaços destinados no sistema prisional que, por muitas vezes, nem sequer existem. Há uma dificuldade, sobretudo, na realidade brasileira, em se destinar esses espaços para a realização dos projetos de educação. Pois, a maior parte dos presídios, são pequenos e superlotados. Porém, para aqueles que fazem parte da administração dos presídios e que têm a intenção de fazer acontecer esses projetos, são destinados espaços que já fazem parte da rotina dos presos, como o local de banho de sol. Com isso, esses presos acabam sendo privados, em detrimento dos estudos, de momentos que já seriam concedidos a eles, como direito adquirido.

Enquanto atualmente se discute a necessidade de criação de espaços para atividades laborais no cárcere, espaços para a educação, artes e esporte não são considerados artigos de primeira necessidade, são, em geral, totalmente desconsiderados em uma política de execução penal, literalmente colocados em segundo plano. (BRASIL, 2010, p.17).

Enfim, o indivíduo preso, o qual chamaremos, a partir de agora, de reeducando - pois o mesmo, passa por todo esse processo de reestruturação e reformulação para o convívio social, perpassando, inclusive pelo espaço educacional, concedido a ele nas prisões - acaba por construir, em relação a essas pessoas que lhes trazem conhecimentos, concedendo-lhes tempo para aprendizagem e reflexões, um sentimento

de gratidão, frente a tudo o que não lhes foi concedido enquanto indivíduos livres. Nessa relação, cria-se, por vezes, um sentimento de confiança e até, de compartilhar confidências sobre sua vida pregressa. Assim, a imagem do professor além de ser motivadora, torna-se, também, a referência para essa nova perspectiva de vida, pois ele é o elo entre o cárcere e o mundo livre.

Essa interação entre os reeducandos e o elo com o mundo externo, sendo o professor o fio condutor, leva-os a contrastarem seus pensamentos, por meio de suas memórias e vivências, entre o que eram e o que se tornaram naquela condição de encarcerados. Esses momentos de reflexão, por vezes até contraditórios, propiciam uma nova reflexão sobre si, motivando-os a almejavarem uma nova vida, fora do aprisionamento.

Para o homem em privação de liberdade, a relação presente- passado- futuro é fundamental, em qualquer programa educativo que lhe se apresente. É o cotidiano que revela as bases sobre o que é possível, mas não deixa de trazer embutido o passado, enquanto memória e incorporação das vivências. Sua expectativa de futuro é algo que deve ser também considerada, e a educação pode oferecer condições para que ele possa conviver, no presente, com diferentes circunstâncias, sabendo a hora de “mostrar-se” ou “esconder-se”, de falar ou de calar, de proteger-se para sobreviver. O indivíduo em privação de liberdade traz, por outro lado, enquanto memória, vivências por vezes negativas, de situações pelas quais passou antes e durante sua carreira delinquencial. Em suas expectativas de futuro estão o desejo de começar uma nova vida, na qual possa trabalhar, voltar a estudar e construir uma família. (ONOFRE, 2012, p.214).

Com essa breve apresentação sobre o espaço das prisões e como se dá o trabalho educacional nesse mesmo espaço, iniciamos nosso trabalho. Buscamos contextualizar como se constitui o sistema carcerário, hoje, e por consequência, como o reeducando se vê inserido nesse espaço, constituindo-se pelas regras ali, impostas, e pela interação que se desenrola junto aos personagens com quem convivem. Intentamos, também, descrever sobre o papel da educação no processo de ressocialização do reeducando. Consideramos que a troca de experiências, estruturais e vivenciais, contribuem para a reflexão e com isso, a possibilidade de transformação social desse mesmo reeducando.

Assim, se configura o espaço de nossa pesquisa, no qual, por meio de um projeto de extensão, envolvendo a mim, coordenadora do projeto, e alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás - Campus Morrinhos, em execução de um projeto de extensão que visava, em primeiro plano, a alfabetizar e levar a reflexões sobre ressocialização. Nesse contexto de realização do projeto, foram surgindo cartas espontâneas, endereçada a nós, como forma de ressaltar a confiança e até mesmo, de

compartilhar confidências sobre suas vidas, no que tange ao passado e presente, de reeducandos, até mesmo de projetos para o futuro que norteiam suas vidas.

## **CAPÍTULO II – PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

Para desenvolvermos o segundo capítulo, faremos uma exposição teórica acerca dos conceitos que norteiam nossa pesquisa, sob um olhar arqueogenalógico, os quais nos darão subsídios para análise das cartas dos reeducandos do sistema prisional de Morrinhos-GO, possibilitando-nos identificar e analisar as formações discursivas que atravessam os dizeres desses reeducandos, compreendendo que seu discurso, naquele recorte espacial e temporal, tem uma história que o constitui como único e que, ao mesmo tempo, representa um lugar de fala constituído por vários sujeitos que oscilam entre a ideia de prisão e liberdade, conforme vão se expondo em suas cartas.

Dessa forma, os reeducando, por meio de suas missivas, se colocam em uma condição de contradições frente aos posicionamentos que assumem, fazendo emergir subjetividades em suas práticas sociais, materializadas em seus dizeres. De certa forma, também, os discursos fazem emergir transgressões nas relações de saber-poder que estabelecem com o meio carcerário, com o mundo social a que ele vislumbra retornar, e que, por ora, se vê privado de usufruir.

Para essa tessitura teórica que sustentará nossa análise, desenvolveremos a exposição de conceitos fundamentais para a análise de nosso corpus, como: sujeito; formação discursiva; contradição; autoria; relações de poder e subjetividade, bem como a escrita de si.

A análise do discurso (AD) de linha francesa tem como foco a análise de uma materialidade linguística, porém, não se atem pura e simplesmente a ela, atendo-se apenas à estrutura e/ou a aspectos internos ao texto, mas necessita deles para que haja uma existência material de análise, segundo Fernandes (2008). Complementando, o autor também afirma que essa análise aborda um olhar para a exterioridade da língua e que essa somente se concretiza no social. Assim, o discurso é marcado por posicionamentos sociais acerca do que os sujeitos dizem, demarcando o seu posicionamento frente à realidade, mas esses posicionamentos se modificam, pois se dão por meio de uma construção histórica, constituindo uma movência acerca de seus dizeres.

Ainda, sob a ótica da AD, precisamos explicar sobre as condições de possibilidades do discurso que estão relacionadas ao contexto sócio histórico em que o discurso é produzido. Sob esse aspecto, Fernandes (2008, p.21) considera as condições de possibilidades do discurso como “aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam ou determinam a produção do discurso.” Assim, todo estudo que se constitui por meio da AD não se restringe à materialidade linguística e sim aborda sua exterioridade que se faz dizer por meio do discurso constitutivo.

Dessa forma, para a análise das cartas, nosso objeto de estudo, evidenciaremos as condições de possibilidades em que os sujeitos reeducandos estavam inseridos no momento de sua escrita e verificaremos os aspectos relacionados a esse contexto, pois os sentidos são produzidos de acordo com a configuração exterior que o permeia e em que se inscrevem os sujeitos em interlocução.

Faz-se necessário, também, a noção de sujeito, que, para a AD, não é um sujeito empírico ou, simplesmente, uma pessoa física, mas sim aquele que é constituído pelos vários discursos que emergem dos espaços sociais a que pertence.

Para Fernandes (2007, p.35), “compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz”. Assim, os reeducandos ao escreverem suas missivas, se mostram atravessados por diferentes discursos, instaurando uma posição sujeito que oscila, instaurando contradições em seus dizeres que ora, se vêm como livre, ora, como presos e excluídos, socialmente.

Por esse viés teórico, o sujeito pode ser tomado como posições sujeito, por serem, constantemente, atravessados por outros discursos que emergem dos vários espaços discursivos em que ele se inscreve. Segundo Fernandes (2007), os sujeitos são marcados e atravessados por vários discursos, de outros sujeitos, que os unem e os diferem. Criando assim a ideia de sujeito discursivo que ocupa um lugar para se dizer algo. Um mesmo indivíduo pode representar outras posições sujeito, dependendo do lugar discursivo em que ele se insere: pai, filho, trabalhador, religioso. No caso da pesquisa em si, esse sujeito é o reeducando, mas que por momentos, também, faz emergir, por meio das cartas, as outras posições sujeitos que se inscreve.

Corroborando com a afirmativa, Pêcheux (2014) nos diz que é ilusão pensar que somos a fonte de nossos dizeres, ou seja, o que dizemos, é constituído a partir de outros dizeres: ao nos inscrevermos em um determinado discurso, na verdade, estamos nos inserindo em vários, posto que todo discurso seja constituído por outros discursos. Não

há pureza, homogeneidade, nem univocidade: os discursos são heterogêneos por natureza.

Assim, o sujeito não é homogêneo, pois todo enunciado sofre atravessamentos de vários outros discursos, que se contradizem e se negam. Como nas cartas, em que por vezes os reeducandos se colocam na posição de encarcerados, fazendo emergir discursos constituídos naquela condição, e por outras vezes, assume outros posicionamentos discursivos, como cidadãos sociais que permanecem inclusos no sistema de valores impostos socialmente.

Sob esse olhar, a heterogeneidade é constitutiva do sujeito, ele não é dono do seu dizer, de seu modo de pensar, mas sim, o resultado de um emaranhado de enunciados que oscilam conforme a posição sujeito a qual ocupa, no contexto em que se encontra. Demonstrando assim movências discursivas e de posicionamentos frente ao que se acredita ser, reeducando e ou sujeito social livre e, por vezes, se contradizendo frente suas afirmativas. Da mesma forma, é percebida uma construção de subjetividades que vai moldando esse sujeito, conceito esse que abordaremos posteriormente.

Ainda sob esse viés, e corroborando o que expomos até então, Pêcheux (2014) nos apresenta o que denomina como esquecimento nº1 (um) e esquecimento nº2 (dois).

O esquecimento nº1, ou esquecimento ideológico, dá ao sujeito a falsa impressão de ser a fonte primeira de seu discurso, assim como do sentido, esquecendo-se de que, ao falar, retoma discursos já ditos. O sujeito, nesse caso, o reeducando, embora acredite que em sua escrita está enunciado o que de fato ele acredita ser de autoria própria, acaba não sendo a fonte e nem origem de seu dizer; seu discurso é determinado pela sua inscrição na história. Por meio desse esquecimento, o sujeito acredita ter a autonomia em escolher o que dizer, ou não, de acordo com o sentido que tenta dar ao seu discurso.

O que precede nos permite dizer que a noção de “ato de linguagem” traduz, de fato, o desconhecimento da determinação do sujeito no discurso. Permite, ainda, dizer que, na verdade, a tomada de posição não é, de modo algum, concebível como um ato originário do sujeito- falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso, como discurso- transverso, isto é, o efeito da exterioridade, do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta para si mesma” para se atravessar. (PÊCHEUX, 2014, p. 159-160).

Já no esquecimento nº 2, ou esquecimento enunciativo, o sujeito tem a ilusão de escolher como produz seu discurso. Esse mesmo sujeito escolhe o que deve, ou não, ser dito, tendo a falsa impressão de que o sentido será único, tanto para ele, quanto para seu interlocutor. O sujeito tem a falsa ilusão de que o enunciado que ele produz reduz-se a apenas um sentido, tanto para ele, quanto para o interlocutor.

Concordamos em chamar esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito- falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrases- um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada. . (PÉCHEUX, 2014, p. 161).

Esses esquecimentos, que são de natureza do inconsciente e da enunciação, fazem com que os sujeitos tenham a ilusão de que controlam tudo que dizem. Com isso, o sujeito nos diz de forma camuflada, por meio de suas missivas, seu lugar de inscrição social, revelando sua condição de sujeito social, constituído por formações discursivas e pelas relações que estabelecem com a exterioridade. Por muitas vezes, o reeducando se contradiz, com referência ao espaço e em relação a posição sujeito que ele acredita estar inscrito, enquanto encarcerado, pois sofre essa movência no lugar de sujeito heterogêneo, logo, contraditório em seus posicionamentos.

Outro conceito que se faz necessário e essencial para essa pesquisa é o de Formação Discursiva (FD), o qual aportaremos pela perspectiva Foucaultiana. Para esse autor, a FD é a responsável por analisarmos os discursos em suas singularidades e as relações que esse discurso estabelece com as exterioridades e de porque, naquele momento de existência, no caso desta pesquisa as cartas, se diz aquilo e não outra coisa em seu lugar, considerando, então, a pluralidade de significações que vão emergindo em um dado contexto e promovendo, como já dito anteriormente, o deslocamento e possíveis contradições nos dizeres do sujeito, no caso em questão, o sujeito reeducando. Para Foucault:

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semissilenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionados a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é está que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 2012, p. 34).

Dessa forma, para que possamos compreender os efeitos de sentido do que foi dito, expresso nas cartas, é necessário que se observe as condições de possibilidades daquele discurso - o lugar social em que foi produzido: em condição de encarcerado; quem o produziu: o reeducando; quando o produziu: ano de 2007 e onde o produziu: sistema prisional – para que se possa identificar, analisar os discursos presentes em seus textos e buscar a constituição discursiva que se dá na exterioridade e anterioridade da

língua, considerando as determinações sócio/ históricas e culturais, que constituem o sujeito discursivo. Sujeito esse, plural e contraditório, que se constitui por posições sujeito que ocupam lugares para o seu ser e o seu dizer.

Nesse caminho, ainda segundo Foucault (2012), todos os dizeres manifestos estão ancorados em algo já expresso, seja em qual filiação institucional se insere esse dizer. O sujeito ao expressar algo, não parte de si, unicamente, mas sim, do acúmulo de informações e inscrição nas formações discursivas que os constituíram. Assim, nenhum dizer é inédito, mas sim, uma possibilidade de repetições e dispersões de acordo com os acontecimentos e as instancias que emergem esses dizeres, no momento em que ocorrem.

[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “já dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão, o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. (FOUCAULT, 2012, p. 30).

Ainda,

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. (FOUCAULT, 2012, p. 31).

Dessa maneira, cada dizer, mesmo que ancorado em um já dito, ocorre em uma dada situação de espaço e tempo, sendo necessário, então, realizar uma descrição dos acontecimentos no espaço discursivo em que esses dizeres emergem. Relacionando-os com a exterioridade, ampliando as condições de possibilidades de efeitos de sentidos que singularizam o discurso e buscando as regularidades entre os enunciados que estejam sob um mesmo domínio. Para Foucault essa descrição é:

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-los em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações. (FOUCAULT, 2012, p. 31).

Assim, temos como objeto de pesquisa as cartas e essas sendo escritas por reeducandos que se encontram encarcerados em um sistema prisional por motivos diversos. Sendo, cada um constituído por suas histórias, os seus dizeres apresentam regularidades que serão descritas e analisadas, buscando essas formações discursivas presentes em sua materialidade discursiva, que ora apresenta a inscrição discursiva do sujeito livre, com todas as suas premissas, ora, apresenta a inscrição discursiva do

sujeito preso, carregado de seus estigmas, apresentando assim, as contradições imanentes do discurso.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que outros objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...] Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição ( objetos, modalidades, de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também, de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em cada repartição discursiva. (FOUCAULT, 2012, p. 47).

O sujeito discursivo, no decorrer de sua história, vai se constituindo em meio as variadas formações discursivas em que se insere. Essa constituição do sujeito se dá, de forma simultânea e cumulativa, pela presença de diferentes formações discursivas, por vezes contraditórias, ou em relação de oposição, fazendo com que o sujeito, em seus discursos, oscile seus posicionamentos, fazendo um entrecruzamento de posições e/ou oposições sobre si. Com isso, cria-se uma possibilidade discursiva variada acerca de um mesmo objeto, criando um conflito instaurado pelas contradições.

Essas contradições podem estar expressas no texto, como podem desaparecer, podem oscilar e se fazerem simultâneas. Elas se caracterizam em dois níveis: primeiro o da aparência, que está na unidade profunda do texto; segundo, o dos fundamentos, que dá lugar ao próprio discurso. Para Foucault (2012):

o discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedece às que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições; é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência. (FOUCAULT, 2012, p. 186).

Assim, para uma análise das formações discursivas é necessário que se tenha o olhar para o múltiplo, para as oposições, para as dissenções, mas ainda assim, observar de que forma essas contradições constituem o sujeito em meio às relações em que está inserido e como reflete em suas posições sujeito. E que, de certa forma, essas contradições se complementam intrinsecamente, diante a historicidade.

Uma formação discursiva [...] é um espaço de dissenções múltiplas; um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos. A análise arqueológica revela o primado de uma contradição que tem seu modelo na afirmação e na negação simultânea de uma única e mesma proposição, mas não para nivelar todas as oposições em formas gerais de pensamento e pacificá-las a força por meio de um a priori coator. Trata-se , ao contrário, de demarcar em uma prática discursiva determinada, o ponto em que elas se constituem, definir a forma que assumem, as relações que

estabelecem entre si e o domínio que comandam. (FOUCAULT, 2012, p. 191).

Outra contribuição teórica para essa análise são as relações de poder, conforme discutidas por Michel Foucault. Partindo do princípio de que o poder somente se dá em meio a pessoas livres, já surge um primeiro questionamento: os reeducandos que se encontram em um estado de reclusão, privação de liberdade social, mediante os delitos cometidos, podem se considerar livres? Temos uma primeira afirmativa em que não, o reeducando é recluso, logo, privado dessa liberdade, por isso, o mesmo não poderia estabelecer essa relação de poder. Para Foucault (2005, p. 244) “o poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’ enquanto ‘livres’ - entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”.

Porém, ainda em Foucault (2005), a prisão perde a categoria de somente punir, mas ganha com o passar da história o papel de disciplinar, corrigir, para que o sujeito preso, nesse caso, denominado reeducando, possa retornar à sociedade e produzir para a manutenção da mesma, atendendo aos interesses da burguesia. Assim, esse reeducando passa a ter a possibilidade de liberdade, logo, estabelecendo, também as relações de poder com seu meio interno e externo ao sistema prisional.

O poder nessa microesfera das prisões, também é exercido estabelecendo relações por meio de uma rede de dispositivos das quais nenhum envolvido está isento. Esses dispositivos estão ligados a estratégias, muito fortemente vinculadas ao campo do saber, seja ele no campo da religião, da educação, da família e outras instituições. Ao saber vincula-se o poder estabelecido por uma rede de dispositivos, que permeia os sujeitos, e que faz com que o poder seja heterogêneo, nunca estático, que ora é exercido pelo reeducando, ora é exercido pelos responsáveis por essa prisão, por meio das relações estabelecidas entre esses sujeitos (entre si, de si com outros internos e externos ao sistema prisional).

O poder nunca está vinculado a um campo de dominação, mas sim, disseminado entre os envolvidos em quaisquer relações. Dessa forma, o poder deve ser entendido como algo que funciona e que se exerce, e não somente em um aspecto concentrado em determinados pontos da sociedade. Os sujeitos, em suas malhas, exercem o poder e sofrem sua ação. Cada um de nós é, no fundo, titular de certo poder e, por isso, também veicula esse poder.

O poder: imediatamente o que vem à mente das pessoas é o exército, a polícia, a justiça. [...] Ora, quanto se tem essa concepção do poder, penso que

o localizamos somente nos aparelhos de Estado, enquanto as relações de poder existem- mas isso, sabe-se apesar de tudo, porem nem sempre se tira as consequências- passam por muitas outras coisas. As relações de poder existem entre o homem e a mulher, entre aquele que sabe, e aquele que não sabe, entre pais e crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo. Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder. (FOUCAULT 2015, pag. 226).

Pensando o poder nessa perspectiva, podemos dizer que ele traz uma positividade, pois cria pontos de resistência em que o poder oscila, fazendo com que se torne criador. Onde há poder há resistência, não existe propriamente o poder da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda estrutura social.

Sendo assim, o poder se exerce em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, neste complexo, os micro poderes existem integrados ou não, ao Estado. É preciso dar conta deste nível molecular de exercício do poder sem partir do centro para a periferia, do macro para o micro. Nesse construto, uma genuína força de poder só se exerce quando há um polo de resistência. Para Deleuze (2005, p. 79), “o poder de ser afetado é como uma matéria da força, e o poder de afetar é como uma função da força”.

Com essa abordagem, fundamentaremos nossa análise da carta do reeducando que também exerce poder, sobretudo no que se refere à resistência na sua condição de encarcerado e discutiremos a forma com que a relação com o saber, trazendo suas memórias, pode constituir esse sujeito que oscila e que é heterogêneo em suas formações discursivas, logo em seus dizeres.

Discorrido ao que nos atende sobre as relações de poder, nos ateremos nesse momento, às cartas, materialidade textual e objeto de nossa pesquisa, e sobre quem as escreve, reeducandos. É necessário que façamos algumas considerações sobre as mesmas, acerca do ponto de vista teórico. Como já mencionado, as cartas, nosso objeto de análise, foram sendo enviadas pelos reeducandos, de forma espontânea, já que em nenhum momento foi solicitado a eles que fosse feito esse tipo de produção textual no desenvolver do projeto de extensão da Universidade estadual de Goiás- UEG, no sistema prisional de Morrinhos- GO.

O que nos chamou a atenção, além do fato de terem sido enviadas a nós, participantes do projeto essas missivas, foi a forma com que elas diziam sobre o sujeito

reeducando que, por meio delas, expressava seu modo de ver o mundo e a si mesmo, perante a sociedade que o encarcerou como pena das contravenções cometidas.

Assim, para discorrer sobre o objeto carta, nos nortearmos ainda em Foucault e com contribuições de Rago (2013) para que se possa compreender a importância e de que forma elas dizem sobre o sujeito que as escreve.

A respeito da escrita que constitui essas cartas, é possível perceber que ela representa um olhar não só interior de um indivíduo/reeducando, mas, a voz de um lugar social, ecoando, não somente uma interioridade que manifesta as experiências pessoais, e sim, uma exterioridade que permeia a todos que se enquadram e se identificam como excluídos de uma ordem social, dita normal e que se constituem, discursivamente, como reeducandos. Para Foucault (1992, p. 35) a escrita é: “... uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito de escrita está sempre a desaparecer.”.

O sujeito reeducando não diz por si, mas, a partir do lugar em que ele se inscreve, assumindo dessa forma a função de autoria. Dessa forma, o indivíduo que assina as cartas, não é mais o indivíduo que age ou pensa de forma singular, mas, torna-se aquele que assume uma posição de sujeito social, inscrito e constituído pelo ambiente que lhe cerca, ou seja, o ambiente de cárcere, assumindo a condição de reeducando. Com essa premissa, Foucault, nos afirma:

Esta relação da escrita com a morte manifesta-se também, no apagamento dos caracteres individuais do sujeito que escreve: por intermédio de todo emaranhado que estabelece entre ele próprio e o que escreve, ele retira a todos os signos a sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais que a singularidade da sua ausência; é-lhe necessário representar o papel de morto no jogo da escrita. Tudo isto é conhecido, há já bastante tempo que a crítica e a filosofia vêm realçando este desaparecimento ou esta morte do autor. (FOUCAULT, 1992, p.36)

Dessa forma, apaga-se o indivíduo que se manifesta na escrita, surgindo assim o sujeito social, reeducando, que escreve de um lugar, sob uma situação de encarceramento que permite o que dizer, ou não, frente aos seus interlocutores. Sobre o estatuto da escrita, Foucault (1992, p.39) expõe: “esforçamo-nos por pensar com notória profundidade a condição de qualquer texto, simultaneamente a condição do espaço onde se dispensa e do tempo em que se desenrola”.

...a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus”, em simultâneo, a várias posições sujeitos

que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (FOUCAULT, 1992, p.56).

Sob esse prisma, ainda para Foucault (1992), o indivíduo que, em princípio, seria talvez a voz originária de aquele dizer expresso nas cartas, passa a ocupar um espaço e um estatuto que reflete a realidade de um grupo e que faz emergir um modo de ser daqueles que coadunam da mesma situação, o cárcere, expressando assim, um modo de ser que reflete um conjunto de discursos imanentes daquele espaço que constitui um lugar social. Contudo, esse sujeito social, reeducando, por vezes, em suas missivas, oscila suas posições sujeito - filho; pai; religioso - demonstrando suas contradições e movências frente ao seu olhar pra si e para o outro, manifestando esse conflito entre seu lugar de liberdade e prisão.

Assim, tendo como objeto de pesquisa as cartas, podemos, por meio delas, identificar como esse sujeito social se manifesta e diz de vários lugares que o constituíram, remetendo ao seu passado livre, relatando seu presente enquanto encarcerado e almejando um futuro descrevendo sonhos e objetivos, como sujeito livre, novamente. Rago (2013, p. 30) em um estudo sobre a escrita de si reforça essa afirmativa, expondo: “Parto da concepção de que a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de o real- social é construído discursivamente”.

Ainda reforça;

“Não se trata de negar a “realidade” e a “experiência”, reduzindo- as à existência linguística, nem a ação social, ao determinar a morte do sujeito”, como atacam os críticos do pós- estruturalismo, mas de desconstruir essas noções pré- discursivas, apontando para a historicidade, como analisa Joan W. Scott ( 1991), em relação à noção de experiência. ( RAGO 2013, p.31).

O reeducando ao narrar sua vida, nas cartas, faz um movimento que percorre, de forma descontínua, suas ações, suas vivências e experiências, fazendo um deslocamento do sujeito social reeducando, o qual ele constitui naquele momento de escrita, mas que por vezes, emerge outros sujeitos inscritos em outras possibilidades de produção discursiva enquanto, sujeitos livres que fazem usufruir dessa condição.

Assim, no discurso autobiográfico [...], nota-se que desfazem as linhas da continuidade histórica questionam as identidades construídas e constituem-se relacionalmente como sujeitos múltiplos. Demonstram, assim, uma forte preocupação com a reinvenção de si e da relação com o outro [...]. Escrever [...] é inscrever-se, é fazer existir publicamente [...]. (RAGO 2013, p.31).

Entendemos o termo autobiográfico de acordo com Rago (2013, p. 33), que o explicita como um “espaço autobiográfico, entendido a partir dos diferentes tipos de

narrativas de si, entre memórias, depoimentos, entrevistas, correspondências, diários ou blogs, que permitem cartografar a própria subjetividade”. Dessa forma, por meio das cartas enviadas pelos reeducandos, podemos, a partir de suas memórias, perceber o que essa escrita diz sobre si nesse espaço de movência que faz emergir esses dizeres discursivos que oscilam frente sua realidade.

Com o exercício da escrita, ainda segundo Rago, (2013), o sujeito acaba por fazer uma reflexão sobre si mesmo, se ressignificando, se reconstruindo para um campo de possibilidades ainda não vislumbrado em seu campo de ação social e pessoal. Esse sujeito reavalia sua trajetória e reflete sobre novas possibilidades de existência.

Exprime uma necessidade de parar repentinamente, de repensar a própria trajetória, de avaliar suas ações e perguntar se valeu a pena, se o tempo não foi perdido em coisas inúteis, a ansiedade ou angústia suscitando a necessidade da revisão com um desejo latente de justificação. [...] a releitura do passado também traduz o desejo de renovação interna e de afirmação da liberdade de existir diferentemente no presente. A “escrita de si” impõe-se como necessidade de ressignificação do passado pessoal, mas também coletivo, de outra perspectiva... (RAGO 2013, p. 57).

Nessa concepção, podemos então considerar o sujeito reeducando como posições sujeitos possíveis, que não só manifesta seus anseios particulares e suas perspectivas, mas que, também, evidencia o olhar daquele que diz a partir dos lugares sociais que ocupa. Dessa forma as cartas que foram surgindo, podem ser consideradas como documentos, pois surgiram em uma situação espaço temporal, singular.

Albuquerque Júnior (2013) apresenta a noção de documento que podemos remeter às missivas, já que as mesmas emergem em uma situação de singularidade, podendo, por meio de seu leitor, produzir sentidos daquela situação de escrita, em especial, dentro do sistema prisional. Acrescentamos que esse documento não diz por si só, é necessário o interlocutor, o leitor. Concernente a esta pesquisa, o analista que fará permear sua voz, seu lugar de inscrição social, o qual faz emergir os sentidos da escrita do reeducando e analisar como se dá o funcionamento desse discurso, observando esse sujeito social reeducando e não o indivíduo que diz acerca de seu lugar.

Ao contrário do que costumam dizer alguns dos meus colegas, documento não fala, documento não pensa, documento não mostra, documento não demonstra, documento não desmente, documento não desvela, documento não resgata, documento não diz nada que não seja através de uma outra voz, a voz de quem os consulta, os lê, os analisa, os recorta, os atribui sentido e significado. (AIBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.26).

E corroborando com esse exposto, Foucault (2012) afirma:

reconstituir, a partir do que dizem estes documentos, - às vezes com meias - palavras -, o passado de onde emanam e que se dilui, agora, bem distante

deles; o documento sempre era tratado como linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio: seu rastro frágil, mas, por sorte, decifrável. Ora, por uma mutação que não data de hoje, mas que, sem dúvida, ainda não se concluiu, a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim, trabalha-lo no interior e elaborá-lo: ela organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, distingue do que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. (FOULCAULT, 2012, p.7).

Nesse sentido, entendemos que essas cartas tornaram-se uma raridade, pois, contém arquivos de uma subjetividade dada àquela condição de encarceramento desse sujeito reeducando que se faz ouvir por meio dessas missivas e que, nelas, também faz emergir um discurso com regularidades em relação às instituições, as quais por meio de uma memória discursiva possibilitam aos reeducandos oscilarem quanto aos seus posicionamentos sujeitos, ora reeducandos com todas as suas restrições e estereótipos, ora, como cidadãos comuns, reprodutores de valores sociais e sabedores de seus deveres, bem como, defensores dos mesmos. Demonstra-se, portanto, que o sujeito reeducando não é fixo.

Ainda para contribuir com a discussão, não podemos desconsiderar o objeto carta, também como monumento, ressaltado, por Foucault (2012), que vislumbra seus estudos em uma perspectiva da nova história, a qual visa lançar um novo olhar sobre o documento considerado histórico. Essa novo olhar desconstrói o que a história contava de forma cronológica, sequenciada e imutável, sendo ela contada apenas por uma abordagem de quem a relatava.

Para a nova história, o descontínuo faz parte da construção histórica, sendo um fato narrado a partir das estruturas criadas daquele momento em que o fato se consolida. O olhar não é apenas daquele que, oficialmente, narra, mas, olhada por baixo, pelas periferias do que norteiam esse mesmo fato, fazendo aparecer rupturas a partir do que era posto de forma tradicional e oficial nos registros, ocultando, por muitas vezes, a história real, vista dentro de uma complexidade e por meio de outros olhares, senão os que tinham legitimidade para narrar. Assim, Burke (1992, p.3) nos afirma que: o que era previamente considerado imutável é agora considerado como uma “construção cultural” sujeita a variações tanto no tempo, quanto no espaço.

Complementa, afirmando:

[...] a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas [...] vários novos historiadores estão preocupados com “a história vista de baixo”, em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência das mudanças sociais. [...] o movimento da história vista de baixo por sua vez expôs as limitações desse tipo de documento. Os registros

oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial. Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte. (Burke, 1992, p. 3)

Os historiadores, na perspectiva da nova história, também deslocam seu olhar de uma forma interdisciplinar, evocando novos olhares sobre um mesmo fato, considerando que a história não se constrói a partir de um fato isolado e contínuo, mas a partir de um emaranhado de acontecimentos simultâneos e entrecruzados que constituem o fato histórico.

Seja como for, sua preocupação com toda a abrangência da atividade humana os encoraja a ser interdisciplinares, no sentido de aprenderem a colaborar com antropólogos sociais, economistas, críticos literários, psicólogos, sociólogos etc. Os historiadores da arte, literatura e ciência, que costumavam buscar seus interesses mais ou menos isolados do corpo principal dos historiadores, estão agora mantendo com ele um olhar mais regular. O movimento da história vista de baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais. (Burke, 1992, p. 4).

Sobre essas duas concepções teóricas, documento e monumento, Foucault (2012) discute acerca da mudança de olhar que evoca esses dois conceitos. A princípio a história tradicional se calcava nos documentos, como fonte única de interpretação e narrada por uma classe a qual era legitimada por seu status, silenciando outras vozes que permeavam essa mesma história. Com a perspectiva da nova história esse documento é transformado em monumento, pois, se entende que a história é construída a partir de fatos relacionados e que pode ser contada a partir de outros olhares.

[...] a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim, trabalha-lo no interior e elabora-lo: ela organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente, o que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. [...] ela é o trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.) (Foucault, 2012, p.7-8).

Assim, ainda acerca da história que transforma o documento em monumento,

[...] a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto.) (Foucault, 2012, p.8).

Dada essa reflexão acerca dos conceitos sobre documentos e monumentos, consideramos as cartas sob os dois olhares. Consideramos como documento, haja vista

sua raridade que emerge dentro de um espaço temporal, uma subjetividade constituída a partir da experiência de quem as escreve. Mas, também, as consideramos monumento, pois surgem dentro de um movimento que são forjados pelos reeducandos, que emaranham visões e ideias que são descontínuas nas narrativas de suas próprias histórias e que também contam sobre uma realidade vista de dentro e de baixo, o espaço carcerário.

Tendo como objetivo de nossa pesquisa analisar os discursos dos reeducandos expressos nas cartas, essa noção de monumento se faz necessária para compreendermos a singularidade em que esses discursos emergem dentro da construção histórica em que os reeducandos se encontram e de que forma ela é contada a partir de rupturas de ideias, e a partir de quê esses discursos se constituem, não ficando, assim, meramente no campo interpretativo, buscando a causa de seus dizeres, mas sim, de que forma ele foi construído e o que moveu aquele dizer.

É preciso acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento; nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até em seus menores traços, enterrado, bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso trata-lo no jogo de sua instância. (Foucault, 1971, p. 21).

Ressaltemos também que nessas considerações sobre as cartas, elencaremos os dizeres que puderam ser ditos naquele momento e que foram expressas como forma de resistência, já que essa liberdade de expressão não era dada a eles e nem a nós, extensionistas. Esses dizeres vieram imbricados de interdições no que diz respeito à interlocução estabelecida com os destinatários das cartas, estabelecendo uma relação pré-determinada, se pensarmos sobre a ordem do discurso, pois, ele sempre será controlado, mesmo que de forma não perceptível ao que dizemos, no caso em questão ao que foi dito.

suponho que em cada sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8).

Nessa percepção, em que a posição sujeito reeducando diz de um lugar e de acordo com o que lhe é permitido dizer, podemos direcionar nossa análise seguindo Foucault, quando questiona:

que condições e sob que formas, algo como um sujeito pode aparecer na ordem do discurso? Que lugar pode o sujeito ocupar em cada tipo de discurso, que funções pode exercer e obedecendo a que regras? Em suma, trata-se de retirar ao sujeito (ou ao seu substituto) o papel de fundamento originário e de o analisar como uma função variável e complexa do discurso. (FOUCAULT, 1992, p.69-70).

Ao primeiro olhar sob as cartas é possível perceber que, por meio delas, faz emergir uma voz que foi silenciada, dado o contexto da escrita no cárcere, mas que, essa voz poderia ser ouvida por aqueles a quem foram endereçadas, fazendo com que os reeducandos possam se sobrepor à condição em que se encontravam, encarcerados.

No texto “A vida dos homens infames”, Foucault (1992b) discorre sobre uma situação análoga aos encarcerados em questão. Pela análise do que ele chamou de documentos (recortes de relatos de excluídos sociais, expurgados da ordem social por não se encaixarem a um comportamento esperado para a época, século XVIII), internos de hospício, frades apostotos, prostitutas, monges escandalosos, bêbado inveterado, nomeados pelo autor de homens infames, observou-se a emergência de vozes sufocadas, que diziam sobre uma realidade da qual esses sujeitos faziam parte. Esses recortes de documentos foram considerados como uma antologia de existências. Segundo o próprio autor:

intentei saber porque é que, numa sociedade como a nossa, se tinha de súbito tornado tão importante que fossem “sufocados” (como se sufoca um grito, um fogo, um animal) um monge escandaloso ou um usurário fantasista e inconsequente; procurei a razão pela qual se tinha posto tanto zelo em impedir os pobres de espírito de se passearem por caminhos esconsos. (FOUCAULT, 1992b, p. 92).

A analogia da obra de Foucault, aqui mencionada, com as cartas dos reeducandos que analisaremos, deve-se ao fato de que na escrita desses documentos e que também, consideramos monumento, se faz presente esse grito que ecoa e que transparece seus sonhos, angustias e desejos que perpassam suas vidas enquanto encarcerados e enquanto aqueles que mantêm o ímpeto de liberdade, mesmo que, para isso, coloquem-se em risco ao manifestarem seu íntimo.

Vidas reais foram “representadas” nestas poucas frases; não quero com isto dizer que elas aí foram retratadas, mas que, de fato, a sua liberdade, a sua desgraça, por vezes, a sua morte, em todo caso o seu destino aí foram, pelo menos em parte, decididos. Estes discursos realmente atravessam vidas; tais existências foram efetivamente postas em risco e deitadas a perder nessas palavras. (FOUCAULT, 1992b, p. 96).

Esses riscos emanam do poder que exercem frente às normas e a forma com que criam uma positividade em relação a sua conduta no espaço do sistema prisional. Poder que os vigia, que os persegue, que os pune, conforme demonstram alguns fragmentos

das cartas que serão analisadas. Esse poder também os permitiu, naquele momento institucional - com a autorização do responsável pelo presídio - expor, por meio da escrita, suas angústias, sejam de súplicas, de desabafo, de denúncia e porque não, de desejos e sonhos. Por isso, a dualidade do poder em relação a esses que se colocam à margem da sociedade, dita padrão, e que são reclusos e punidos por ela, com o encarceramento de seu corpo. Essa dualidade será posta em evidência na análise dessas missivas enviadas pelos reeducandos, pois os mesmos não têm outros espaços para dizerem sobre si.

O poder que vigiou aquelas vidas, que as perseguiu, que, ainda que só por um instante, prestou atenção às suas queixas e ao seu leve burburinho e que as marcou com um golpe das suas garras, foi também o poder que suscitou as poucas palavras que delas nos restam: quer porque se lhe tenham querido dirigir para denunciar, apresentar queixa, solicitar, suplicar, quer porque ele tenha pretendido intervir e que com algumas palavras tenha julgado e decidido. Todas aquelas vidas, que estavam destinadas ao passar ao lado de todo um discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas, não puderam deixar traços- breves, incisivos, enigmáticos muitas vezes- senão em virtude do seu contacto momentâneo com o poder. (FOUCAULT, 1992b, p. 97-98).

Além desse grito que dá voz àqueles que vivem à margem da sociedade e que são silenciados por ela, nas cartas em sua análise, demonstraremos o que a alma desses reeducandos anseia, dando liberdade aos seus pensamentos e a tentativa de dissipar a solidão inerente àquele espaço em que se encontram. Revela-se, assim, uma escrita de si, em que transparece seus medos, o enfrentamento dos perigos, tornando essa escrita a companheira que o possibilita amenizar a solidão. Mais uma vez, para dar suporte teórico a nossas análises, nos apoiamos na escrita de si para Foucault.

A escrita de si [...] atenua os perigos da solidão; dá ao que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha: podemos, pois propor uma primeira analogia; aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, sê-lo-a o caderno de notas para o solitário. (FOUCAULT, 1992b, p. 130).

A utilização da escrita como forma de revelação desse EU que foi silenciado pela sociedade se dá com o intuito de revelar os pensamentos que o reeducando constrói dentro de si mediante esse conflito entre prisão e liberdade, mas que, por ser um recluso e viver à margem da ordem social padrão, como um infame, se vê constrangido em manifestar diante do outro, a revelação de sua alma, utilizando-se, então, da escrita como ferramenta que o transporta para a interação com o outro sem o risco de se sentir negligenciado por seu interlocutor.

o constrangimento que a presença alheia exerce sobre a ordem da conduta, exercê-lo-á a escrita na ordem dos movimentos internos da alma; nesse sentido, ela tem um papel muito próximo do da confissão do diretor, do qual Cassiano dirá, na linha da espiritualidade avagriana, que deve revelar, sem exceção, todos os movimentos da alma (*omnes cogitationes*). Por fim, a escrita dos movimentos interiores surge, também, segundo o texto de Atanásio, como uma arma do combate espiritual: [...] a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os pensamentos, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo. (FOUCAULT, 1992b, p. 131).

Sob essa ótica, Foucault (1992b) nos possibilita compreender o papel das cartas escritas pelos reeducandos, pois as mesmas, além de cumprirem seu papel de interlocução, manifestam a posição sujeito em que o reeducando se vê frente ao outro, que oscila em se sentir aceito, ou não, por aqueles que os cercam, mas que também percebe nessa escrita uma possibilidade de liberdade da sua alma, o que justifica parte do título de nosso trabalho: “Entre a prisão do corpo e a liberdade da alma”.

No que tange, especificadamente, ao gênero carta, Foucault (2012b) nos afirma que ela também constitui a presença do emissor ao seu receptor, encurtando as distâncias que, por ventura, possam ocorrer entre os interlocutores. Nela, o escritor pode se manifestar sobre si próprio, na tentativa de estreitar as distâncias e ou lacunas que por motivos vários (e nesse caso, por o reeducando se ver à margem da sociedade e encarcerado), traz consigo um estigma socialmente construído, o excluindo do convívio social. A carta possibilita aproximar e fazer com o sujeito se faça presente para si e para o outro.

Dessa forma, na tentativa de se fazer presente, acaba por refletir a concepção que o próprio reeducando constrói sobre si mesmo, frente ao que ele acredita ser diferente de si, buscando a aceitação do outro e de si mesmo, que o leva a essa posição sujeito de movência, ora detento, ora sujeito livre.

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário ( por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. [...] A reciprocidade que a correspondência estabelece não se restringe ao simples conselho ou ajuda; é ela a do olhar e do exame. A carta que, na sua qualidade de exercício , labora no sentido da subjectivação do discurso verdadeiro, da sua assimilação e da sua elaboração como “ bem próprio”, constitui , também e ao mesmo tempo uma objectivação da alma. [...] Por meio da missiva, abrimo-nos ao olhar dos outros e instalamos o nosso correspondente no lugar do deus interior. (FOUCAULT, 1992b, p. 150-151).

Por esse viés, o reeducando, ao desenvolver o exercício da escrita, acaba criando uma narrativa de si e construindo uma relação consigo de forma reflexiva, julgadora e

até punitiva sobre seus atos, demonstrando as relações que tem com o mundo externo e os conflitos no que diz respeito a sua conduta. Evidenciam-se, assim, as relações de poder e subjetividades que constituem aquele espaço ao qual está inserido, o cárcere. Mas, que, também, demonstra seus desejos em se ver enquanto liberto e o que essa condição pode proporcionar a ele.

As cartas, além de demonstrarem as subjetividades do reeducando, também levam a um exercício de pensamento, fazendo com que esse sujeito possa se transformar frente suas angústias, podendo transformar-se em um cidadão apto para o convívio em sociedade, salvo casos isolados, como os patológicos, por exemplo. Na narrativa de seu dia a dia, o reeducando pode ativar um exercício de consciência, tornando-se um expectador de si, como uma prática de auto avaliação ao que se passa no seu corpo e na alma, e se corresponde, ou não às regras de um sujeito social. Segundo Foucault (1992b, p.157), tratava-se simultaneamente de se constituir como “inspector de si mesmo” e, portanto, de avaliar as faltas comuns, e de reativar as regras de comportamento que é preciso ter presentes no espírito.

M. Foucault ainda contribui afirmando:

Parece pois ter sido na relação epistolar – e por consequência, para se colocar a si mesmo sob o olhar do outro – que o exame de consciência foi formulado como um relato escrito de si próprio: relato da banalidade quotidiana, relato das acções correctas ou não, do regime observado, dos exercícios físicos ou mentais aos quais cada um se entregou. (FOUCAULT, 1992b, p.157).

Os reeducandos ao exercitarem a prática da escrita, por meio das cartas, acabam desenvolvendo um exame de si, pois na relação com seu interlocutor, ele pode se fazer presente, expor suas angústias e desejos, podendo ser avaliado pelo outro, mas também por si mesmo, levando a uma reflexão sobre sua conduta e a um exame de consciência diante de sua prática, ora contraventora, ora reprodutora de práticas moralmente, convencionadas pela sociedade.

Assim, por meio do recorte teórico arqueogenealógico, na perspectiva foucaultiana, é que evidenciaremos as cartas de nossa pesquisa, mais uma vez tendo-as como documentos e monumentos, dada a raridade de seus surgimentos e como aquelas que dizem de um lugar, na emergência dos acontecimentos históricos, nesse caso, de homens que são denominados como marginais, infames, mas que em sua visão sobre si, oscilam frente a sua condição de encarcerado no corpo, mas livres na alma e em seus desejos, enquanto cidadãos que pertencem à sociedade que os encarcerou.

### **CAPÍTULO III – UM OLHAR SOB AS CARTAS DE REEDUCANDOS DO SISTEMA PRISIONAL DE MORRINHOS- GO**

O que nos mobiliza a analisar as cartas dos reeducandos do sistema prisional de Morrinhos-GO é a forma com que eles, ao materializarem na escrita suas percepções de mundo e de si, se mostram contraditórios frente a todo estereótipo criado em relação ao sujeito preso, sujeito infame, que contraria toda ordem estabelecida, socialmente. Nas cartas, os reeducandos falam de um lugar e de um tempo constituído para a criação desse Eu, que se vê em conflito frente ao seu olhar para si, como recluso, frente ao seu olhar para o outro, como julgador de suas ações, e, não diferente, sob o olhar do outro que também o constitui naquele espaço.

Nelas, as cartas, analisaremos como se constitui a subjetividade do reeducando em relação ao seu comportamento, enquanto sujeito recluso, mas que também, vislumbra sua liberdade, criando efeitos de sentido para sua vida, posterior ao momento do cárcere. Ou seja, como esse sujeito se constitui na exterioridade e posterioridade que se mostra para além da materialidade linguística, e da condição atual em que ele se vê inserido no momento da escrita. O modo com que o reeducando se coloca, de forma movente e oscilante em relação as suas ações de convívio social, mostra-o inscrito em formações discursivas contraditórias, presentes no seu olhar para o mundo e para o futuro que o aguarda.

Importa-nos, também, por meio das cartas, analisar as relações de poder que esses sujeitos estabelecem com o mundo interno e externo ao sistema prisional, pelas quais eles criam uma positividade em suas ações, determinando-lhes um modo de vida singular àquele lugar. Ateremo-nos, também, às formas de resistências que são construídas como forma de sobrevivência em um local que os mantem privados de existência social.

Para a análise dessa materialidade linguística, como já mencionado, contamos com acervo de 03 (três) cartas de reeducandos que foram direcionadas a integrantes do projeto de extensão, desenvolvidos por alunos da Universidade Estadual de Goiás - Campus Morrinhos, nos anos de 2007 e 2008 no sistema prisional. Essas cartas constituem um documento, mas que também ganha um caráter de monumento, haja vista, a raridade de sua escrita, dentro de um espaço e tempo específico que constituem parte da história desses reeducandos e pela singularidade em que essas histórias possam ser narradas sob um novo olhar, deles mesmos, contadas não mais, por quem observa de

fora, mas sim, por quem vivencia as agruras do cárcere. Dessa forma, esses documentos-monumentos, serão considerados como um memorial, dado o conteúdo das cartas, expresso nelas um relato de vida que constitui a história de cada um ali recluso, com seus medos, desabafos, desejos, sonhos e projetos de futuro.

As cartas, em questão, se organizam como já dito, em 03 (três) documentos-monumentos. Uma escrita no ano de 2007 e as outras duas no ano de 2008. Elas são direcionadas a interlocutoras diferentes (participantes do projeto de extensão) e com objetivos diferentes, mas refletem, por meio de regularidades nos enunciados, as formações discursivas que os constituem como sujeitos moventes entre a liberdade e a prisão. Um sujeito que se desloca e que se constitui a cada exterioridade que ele se expõe, mantendo essas regularidades discursivas, ora convergentes, ora divergentes do que se espera de um sujeito preso, excluído, socialmente.

Na primeira carta enviada (2007), o reeducando não participava do projeto, mas, solicitou a um amigo de cela que participava que entregasse sua carta a uma das alunas da extensão. Mesmo não estando nas aulas, ele a assistia de sua cela, pois o espaço de aula era visível a todos, despertando em si um interesse pela extensionista, ainda que de forma platônica, uma vez que ambos não tinham contato direto. Já na segunda carta enviada (2008), o reeducando que a escreveu fazia parte do projeto, participando das aulas e direcionou sua escrita a outra aluna da extensão e com outro objetivo, o de agradecimento pelo engajamento e compromisso com os alunos/reeducandos daquele local. Nessas duas primeiras cartas, o reeducando enunciadador faz um relato de si, externalizando e confidenciando seu dia-a-dia. A terceira carta (2008), foi escrita por um reeducando que, na época, tinha 27 anos e respondia, no sistema fechado por crime de homicídio, ainda que negando a autoria do crime. Esse reeducando em questão foi o vencedor do concurso promovido por nós, extensionistas, para a escolha do nome do projeto, ali, desenvolvido. O Título sugerido por ele foi “Mente Livre”. Como premiação, entregamos a ele um livro intitulado “Os cavaleiros templários”, para que fosse um incentivo à leitura e por meio dela, motivasse uma reflexão pessoal e social acerca de sua condição como encarcerado. Esse esclarecimento se faz importante, pois em algumas passagens na carta, ele faz menção a essas informações.

Já na segunda carta, o reeducando em questão, já estava recluso cerca de 03 (três) anos no sistema prisional de Morrinhos-GO condenado por um crime que ele caracterizou como não tão grave, sem deixar claro qual tipo de contravenção havia

cometido. E, assim como o reeducando anterior, ele alegava inocência frente à condenação.

Na ocasião do envio da carta a uma aluna do projeto de extensão, esse reeducando não participava das aulas, mas mantinha o contato visual com as aulas acontecendo, pois o espaço em que eram realizadas era em meio das celas, denominado como espaço de banho de sol. Assim, 02 (duas) vezes por semana, dias em que ocorriam as aulas, o reeducando presenciava a distancia o desenvolver do projeto. Com isso, ele desenvolveu um sentimento platônico em relação à aluna, e como forma de manifestar esse sentimento, enviou uma carta a ela por intermédio de um colega de cela que, na ocasião, participava do projeto.

Essa carta foi datada do dia 28/10/2007, ressalto essa data, pois no ano seguinte, o mesmo reeducando envia outra carta, a outra aluna do projeto, porém com propósitos diferentes. Nessa segunda carta, o reeducando manifesta essa paixão desenvolvida por ele, mas também, evidencia seus valores e conflitos, além das interdições próprias àquela situação de cárcere, assim, como o reeducando da carta 01.

Já no que no que chamamos de carta 03 (três), o reeducando em questão, mesmo autor da carta 02 (dois), no dia 15/05/2008, enviou outra carta. Nesse contexto, ele já fazia parte do projeto desenvolvido no sistema prisional, liberado pela direção do sistema para participar do projeto por bom comportamento. Na ocasião, ele enviou a carta para outra aluna, a responsável pela turma a que ele se integrava.

Nessa carta, em especial, o reeducando muda sua postura em relação a sua interlocutora. Nela ele demonstra gratidão pelo trabalho ali realizado, mas também, desenvolve uma narrativa que relata sua trajetória e os motivos que o levaram à condição de encarcerado. Além de narrar esses fatos sequenciados, também realiza uma reflexão sobre seu comportamento, demonstrando arrependimento sobre sua conduta, em uma introspecção sobre o que queria para sua vida, mas, em contrapartida, faz prospecção de futuro, restando-lhe, ao seu dizer, somente a morte.

Na sequência narrativa, acaba denunciando ações de torturas sofridas naquele lugar, em um ato quase confessional relatado a alguém que depositou confiança pelo fato de estar ali, dedicando tempo e conhecimento a eles em uma tentativa de refletir sobre ressocialização de cada um, recluso no sistema prisional. Assim, o reeducando mais uma vez se inscreve em formações discursivas institucionalizadas, e faz, em alguns momentos, juízo de seu próprio comportamento. Nessa escrita de si, como um espelho moral, o sujeito realiza uma reflexão sobre seus atos.

É importante ressaltar que na escrita das cartas, os reeducandos assumem uma condição de sujeitos sociais constituídos por aquele espaço que os atravessam com todas suas normas e interdições próprias àquela condição de encarcerados. Por isso, a utilização de vocábulos e termos gramaticais em primeira pessoa do plural. Ou seja, as cartas, em seus recortes, manifestam as vozes de sujeitos com suas particularidades, mas, expressam também, de forma contundente, a voz do sujeito social preso e que diz de um lugar comum, o cárcere.

Com essa percepção, analisaremos as cartas em categorias que são representativas e recorrentes nas 03 (três) materialidades que temos como acervo. E acreditamos que, mesmo que houvesse outras cartas, essas recorrências, também, estariam expressas como forma de regularidades características daqueles que são marcados pela condição de presos, mas que oscilam entre o mundo de liberdade, trazendo consigo as contradições que atravessam seus discursos, ora expressos como sujeito livre, ora como sujeito recluso.

Nessas análises, nos ateremos aos recortes que puderam ser ditos naquele momento de encarcerados e que fizeram emergir a singularidade em que aquele dizer pôde ser construído e a partir de quê esses discursos foram constituídos. Por isso, não adentraremos no campo interpretativo, mas sim, na materialidade linguística, no que foi possível ser dito, a partir daquela situação vivenciada pelos reeducandos.

Dito isso, também esclarecemos que na análise por categorias, os recortes foram feitos a partir de regularidades que constituem princípios de convergências e divergências próprios das formações discursivas em que os reeducandos se inserem. E que em seus enunciados emergem o princípio da contradição, já que os mesmos trazem em suas memórias discursivas a constituição de sujeitos sociais que também se inscrevem como sujeitos livres, marcados por normas institucionais como a religião e a família e outras instituições normativas. Esclarecemos que esses recortes, por sua riqueza discursiva, podem, no decorrer das análises, se inscrever em uma ou mais categorias pelo princípio das regularidades.

Dadas essas informações, partiremos para as formas de categorização dos enunciados presentes nas cartas dos reeducandos. Percebemos que a partir de um olhar mais acurado para essas cartas, se fez emergir com mais intensidade e repetições 03 (três) contradições que marcam o reeducando como sujeito que desloca frente seus posicionamentos e por meio de suas formações discursivas. Essas contradições estão presentes na constituição dos reeducandos, pois entrecruzam suas possibilidades de

sujeitos sociais na condição de preso com todos os saberes que o perpassam advindos daquele espaço, mas também, livres com um conjunto de possibilidades de adequação ao que a sociedade exige a um cidadão dito de bem.

Apresentamos as seguintes categorias:

- Infame/ Contraventor X Religiosidade
- Capitalismo: Trabalho X Criminalidade
- Livre / Aceito/ Disciplinado X Preso/ Não aceito/ Errante

Tais categorias se justificam ancoradas na ideia de sociedade disciplinar, instauradas a partir do século XIX, como discutido no primeiro capítulo deste trabalho, intitulado: Sistema prisional e o educando na prisão. Essa ideia instaura o poder disciplinar como forma de controle da sociedade, sendo as normas aplicadas aos sujeitos, por meio das instituições sociais. Essas instituições tinham e continuam tendo a função de estabelecer e fazer cumprir normas que formam os indivíduos para a virtuosidade e bom convívio social. Assim, aqueles que fogem a essas normas de controle social, são imputados como criminosos/ infames/ anormais.

Dessa forma, tais categorias apresentadas, tem uma representatividade do que se entende por reflexo das instituições normatizadoras que traduzem o que a sociedade espera como comportamento padrão do sujeito aceito socialmente, e em contraposição, também, representa o que foge às regras, tornando esse mesmo sujeito um contraventor que perturba a ordem social. Com essas categorias presentes nas cartas são expostas, então, as contradições que permeiam a discursividade dos sujeitos reeducandos que são constitutivamente atravessados por essas ordens sociais.

Nesse capítulo, discutiremos, também, sobre a escrita de si, sendo ela a que faz o entrecruzamento e as convergências no teor das cartas, pois em todas elas, e em cada categoria elencada, percebemos o grito do reeducando, a necessidade de se fazer ouvido frente aos seus medos, suas angústias, confidências e projetos de futuro. A escrita de si passa a ser uma possibilidade de reinvenção do sujeito, podendo dar vazão a uma chance de reescrita de seu próprio destino.

Como forma de organização, ao expor os recortes de cada enunciado, identificaremos os reeducandos das respectivas cartas, como: R1(cartá um); R2 (cartá dois); R3 (cartá três).

### III a- Posição sujeito reeducando

Como princípio da análise do discurso em que evidenciamos as condições de possibilidades em que o sujeito está inserido para a produção de seus discursos, ressaltamos o ambiente em que o reeducando se encontra, espaço carcerário, recluso e sob normas e poderes que legislam sob esse local. Dessa forma o sujeito preso, na constituição de seus saberes não diz mais sobre si mesmo, como identidade única, mas sim, como sujeito que se constituiu pelos discursos atravessados por aquele ambiente, tornando-se um sujeito social e que diz a partir de uma posição enquanto sujeito reeducando. Nesse contexto, os sentidos produzidos em seus dizeres, expressos nas cartas, se constituem como uma voz que também constitui a de outros reeducandos que ali, estão.

Nas cartas, tanto de R1, R2 e R3, o uso de 1º pessoa do plural em seus dizeres, confirma esse assumir-se sujeito social reeducando que fala de um mesmo lugar, sob os mesmos saberes atravessados que os unem, naquele espaço de reclusão. Tanto em sua fé presente, tendo-a como forma de salvação, quanto na forma de expressarem o desejo de contato como o mundo externo a eles e ainda em suas formas de expressarem seus sentimentos diante daquele lugar de enclausuramento.

(R1-a) “Deus no coração e paz no mundo e nossas **Mentes** esteja sempre **Livres, né**”. (grifo do autor)

(R1- b) obs.: Esperamos mais visitas de vc e mais pessoas **cultas** e **inteligentes** e **capazes**. Pois necessitamos disto... opinião pessoal...tá? “Esperamos por vc.” (Grifo do autor).

(R2- a)... neste mesmo dia que fomos torturados, resolvemos quebrar a cela toda, assim que quebramos tudo por volta das 11:00 da noite, chegou a polícia civil, a ROTAN e a P2, jogaram 4 bombas de efeito moral, ficamos todos deitados no chão.

(R2- b) Eu confio na senhora, queria pedir pra senhora guardar este segredo somente com a senhora. Também quero dizer que eu acho a senhora uma mulher super gente boa, anteciosa, carinhosa e digna com todos nós.

(R2- c) Quero dizer que nossos professores são os melhores, por que nós tratam bem, com carinho, atenção e dignidade. Mais prefiro dizer que minha professora é a melhor, pois é com ela que estou me desenvolvendo melhor, estou aprendendo e descobrindo mais experiência, e estou abrindo mais minha mente, é muito bom estar perto de pessoas que nos transmite uma grande paz de espírito...

(R2- d)...a senhora tem cido um presente de Deus para todos nós, eu mesmo estou gostando das aulas e peço a deus pra que está aula continue anos e anos

aqui no presídio. Nunca desanime de nós, porque nós estamos esforçando com muita garra.

(R2- e) Professora [...] todos os meus colegas de cela junto comigo fizemos umas gravações em MP3 se a senhora quiser passar para o computador pra ter uma lembrança de todos nós do presídio.

(R2- f) [...] todos nós gostamos e admiramos seu trabalho, “ PARABÉNS”

(R2- g) Professora [...] quero pedir pra senhora por favor não nos abandone nois aqui do presídio por que estamos todos felizes com as aulas.

(R3- a) Espero que você esteja bem! Na paz de nosso senhor Jesus Cristo no coração.

Sob essa ótica, o sujeito reeducando não assina mais em suas cartas como o sujeito que fala e escreve manifestando suas singularidades, enquanto, vivências pessoais, mas sim, aquele que diz de um lugar, inscrito e constituído pelos discursos que o atravessam decorrentes daquele ambiente entrelaçado de saberes próprios desse local. Dessa forma, o reeducando assume um estatuto que reflete a realidade de um grupo, no caso em questão, grupo de reeducandos, assumindo uma posição de sujeitos sociais.

### **III b- Categoria I – Aceito/Normal X Não aceito /Anormal**

Temos nessa categoria princípios de regularidades nas cartas que marcam as contradições próprias de formações discursivas que se fazem presentes e que se cruzam e inter cruzam frente às posições sujeitos que o reeducando ocupa. Mesmo estando encarcerado, emerge de sua voz valores institucionais arraigados e que, por vezes, entram em conflito em seus posicionamentos frente ao que vê sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca.

Os sujeitos reeducandos, em sua escrita manifestam o receio de serem aceitos, ou não, pelo que consideram fazer parte do mundo que não lhes pertence mais. Todavia, em fragmentos posteriores, se colocam em posição daquele que ainda se vê inserido em um contexto de liberdade dotado de todos os valores necessários que os fazem ainda parte deste contexto.

A visão do homem romântico que representa o homem ideal, proposto pelas instituições como a família e a igreja é recorrente em seus enunciados. Ao passo que o mesmo sujeito, também se vê como o antirromântico, capaz de ter sentimentos de ira e materializar em ações esses impulsos. Tornando um contraventor, anormal para a

sociedade a qual o excluiu por esses motivos, mas que o mesmo tem o desejo de retornar a ela, ressocializado, reestruturado.

(R1- c) Não se assuste!

(R1- d) passo meu tempo aqui só lendo e escrevendo, sou apaixonado por leituras, já li mais de 20 livros, e os meus preferidos são os de romances, pois **“Eu Sou Romântico”**. Ainda sou daqueles que manda flores com um cartão. (grifo do autor)

(R3- b) Te confesso que eu lutei muito pra não fazer o que estou fazendo, porque eu não sei nada sobre você, nem sei como você vai reagir com essa minha carta, talvez você seja casada, noiva ou namorada de alguém...eu não sei...se for me perdoe.

(R3- c) Olha [...] não quero invadir o seu espaço, nem sua vida, apenas fui fraco e não consegui lutar contra meu pensamento, por que o meu pensamento é só você.

(R3- d) Acho talvez que você deve estar rindo de mim, mais foi isso mesmo que aconteceu comigo, te juro... jamais pensei que isto iria acontecer comigo, mas eu fui incapaz de controlar meu próprio coração.

(R2- h) **“RESPEITOSAMENTE”**, Reeducando [...]

Nesses fragmentos podemos observar a construção da posição sujeito reeducando, deslocada e objetivada em sua subjetividade que naquele momento lhe era possível manifestar, tendo em vista sua existência social antes de ser preso, e sua objetivação como criminoso.

Os reeducandos, nesses seus enunciados se colocam em uma posição que os excluem do convívio com o outro, porém, mostram sua resistência frente ao que lhe é imposto dentro do sistema carcerário que é a privação do contato direto, sem a autorização dos superiores, com aqueles que os cercam naquele ambiente de aulas de extensão.

Nos mesmos recortes, os reeducandos se colocam em uma posição de anormais que poderiam causar constrangimento com sua investida em enviar uma carta ao seu interlocutor, mas que tenta tranquiliza-lo dizendo: **“não se assuste”** e ainda **“Te confesso que eu lutei muito pra não fazer o que estou fazendo”**. Com essas assertivas, os reeducandos manifestam uma imagem de si acerca de sua condição de encarcerado, mas que ao mesmo tempo, também antevê a imagem que o outro constrói dele, enquanto, encarcerado, emudecido pela privação de seu corpo, mas que grita por meio de sua escrita.

Nesse caminho, verificamos a presença do outro que os habitam ou que os constituem, afirmando o seu lugar de excluído social, até mesmo, anormal, impedido de

se aproximar de outrem, no caso seu interlocutor, pois a modernidade criou a prisão do corpo, que exclui o encarcerado da vida social; mais que isso, expurga da ordem do discurso a fala desses sujeitos. É evidenciado em seus dizeres o que o seu interlocutor poderia pensar sobre essa atitude de ousadia, até mesmo transgressiva que partia de um reeducando ao escrever uma carta.

Essa posição sujeito de encarcerado já coloca limites entre o remetente e o seu receptor, inscrevendo cada um no seu espaço social. Tendo a demarcação dessas fronteiras, do qual provém os discursos. O encarcerado considera-se como aquele que não é bem visto e bem quisto pela sociedade. Nessas condições, constitui-se como alguém que pode causar repulsa e/ou medo nos seus interlocutores da carta, mas, ainda assim, a envia como forma de transcender ao que lhe é imposto, quebrando a ordem preestabelecida pelo sistema. E, ainda externa que aquele que habita esse mundo social externo a ele, também o constitui se evidenciando pelo medo de ser rejeitado pela sua condição de reeducando.

Nestes fragmentos, o emissor assume sua posição sujeito reeducando, que tem seu corpo determinado, tão logo suas ações também, dentro do espaço que ocupa. Nesse sentido, Fernandes (2012, p. 58) considera que “as relações discursivas, revelam os diferentes lugares ocupados pelos sujeitos nas redes sociais; sendo esses lugares determinantes das formas de ação e das enunciações.” Sob esse prisma, é lançada à luz uma relação de poder subjacente em sua missiva construindo a identidade de sua posição sujeito dentro daquela circunstância em questão. Poder que não está circunscrito em um lado apenas, mas que transita entre os envolvidos, criando uma resistência a qual possibilita uma positividade, a criação, a produção das cartas.

Reafirmando, Foucault assevera: “as formas e lugares de ‘governo dos homens uns pelos outros são múltiplos numa sociedade: superpõem-se, entrecruzam-se, limitam-se e anulam-se em certos casos e reforçam-se em outros.” (FOUCAULT, 1995a, p.257).

Entendemos que a relação de poder se dá não somente no macro esfera, tendo como exemplo as instituições religiosas e sociais, mas também, nas micro esferas. Para Foucault (2017), o que vem à mente das pessoas são os poderes institucionalizados, como: exército, igrejas, escolas; porém, os poderes estão disseminados em todas as instancias, de modo quase imperceptível. Nesse caso, a relação de poder se dá entre os interlocutores das cartas, quem as enunciam e quem as recebe, pois o reeducando com seu alerta, é desejoso de um pedido de aceitação, funcionando como um exercício de poder, pois, é um meio de tentar interferir e alterar a conduta do seu interlocutor: “não

se assuste”, “não sou perigoso”, reforçando esse jogo de resistência advindo dessas relações.

O sujeito discursivo da carta visa a comover o interlocutor e fazer com que ele reaja como se estivesse diante de um cidadão comum, e não diante de um bandido/prisioneiro, nesse caso, denominado, reeducando.

Para Foucault (2017, p.231),

As relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo.

A partir dessas relações o reeducando vai se constituindo em sua posição sujeito nas micro relações estabelecidas no seu espaço tempo. Essas, por sua vez, não são fixas, pois há uma movência entre os lugares de inscrição social desse mesmo sujeito implicando situações de transformações e até de contradições, que emergem de sua subjetividade.

Fica evidente, que essa força que tenta resistir a esse estado de privação por meio desse saber próprio do sistema carcerário, tenta se aproximar do que ele acredita ser uma relação de liberdade com o interlocutor, criando essa resistência que possibilita a positividade do poder. Dessa forma, os enunciados supracitados, por meio dos quais o enunciador procura bloquear as possibilidades de aparição de outros discursos que tenham capacidade questionadora, faz emergir o jogo de resistência. Essa necessidade de se contar com um discurso de respaldo, com uma determinada forma de verdade, leva, necessariamente, a estabelecer uma relação entre saber e poder.

Nos fragmentos, o sujeito reeducando assume sua posição sujeito reeducando, que tem seu corpo determinado, tão logo suas ações também, dentro do espaço que ocupa naquela situação. Nas relações discursivas é possível identificar os diferentes lugares que esse sujeito ocupa nessa tessitura social, sendo eles materializados nos enunciados. Com isso, constatamos a relação de poder subjacente em sua missiva construindo a identidade de sua posição sujeito dentro daquela circunstância em questão, mas oscilando, tentando ocupar os possíveis lugares de sujeito social, preso e livre, aceito e não aceito pela sociedade. Pois, para Foucault (1995), as relações de poder se dão nas relações humanas e se realizam de formas sutis, selecionando o que pode, ou o que não pode ser dito e o como dizer, partindo de suas escolhas signícas.

Não obstante, o sujeito reeducando se inscreve em um lugar social tido como aceitável, e por muitas vezes desejado, como em: **“eu sou romântico”**, e,

**“RESPEITOSAMENTE”**, Reeducando, trazendo em suas escolhas **signícas** uma construção identitária de aceito socialmente e participante dessa mesma convenção social, espaço esse que o mesmo ainda se sente pertencente, espaço da liberdade. Esse sujeito acaba por ocupar uma função sujeito, deslocando e reproduzindo outros enunciados, institucionalmente enraizados, como o ser romântico e respeitoso como uma característica essencial a um homem. Para Foucault *apud* Fernandes (2012), o sujeito assume posições em seu discurso, construindo suas identidades, matando assim o indivíduo e dando espaço ao sujeito constituído por saberes que vão se acumulando, demonstrando assim suas formações discursivas.

Nesse caso, observamos uma ordem correlata de posicionamentos diante o que é ser um sujeito inserido na sociedade e imbuído de todos os seus valores de um homem cortez e desejado como companheiro de vida na relação entre homem e mulher.

Podemos ainda, empreender, nos fragmentos, que o sujeito reeducando faz um reconhecimento de si mesmo, se identificando como de uma forma ou outra nessa constituição discursiva; se afirmando dentro daquele espaço, ou mesmo se reafirmando. Seu discurso, expressão de uma subjetividade, oscila de forma não linear, reafirmando em outro fragmento que **“ainda manda flores”**, ação essa que também o insere em um contexto do qual não quer se dissociar como sujeito desejado. Essa introspecção pode ser percebida em seu enunciado. Segundo Foucault (2010, p.157):

o que deve ser destacado é o papel do outro, aqui representado pela figura do amigo. A carta é sempre relacional. O trabalho que ela opera no destinatário, mas também naquele que a envia, implica uma introspecção. Introspecção que não deve ser entendida como um processo de decifração de si por si, mas como “uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo.

O autor da narrativa se coloca em uma posição sujeito ou em uma ordem do discurso inscrita em seus dizeres, estabelecendo esse lugar discursivo ao qual quer pertencer e que se vê como parte dele, mesmo que naquele contexto, ainda se encontrasse na condição de recluso. Nesse caso, o próprio reeducando faz uma análise de si de como deveria ser o homem no qual ele quer se constituir enquanto sujeito livre.

Por essa introspecção, o sujeito reeducando faz um reconhecimento de si mesmo identifica-se como de uma forma ou outra nessa constituição discursiva. Afirma-se dentro daquele espaço, ou reafirma-se. Seu lugar de memória oscila de forma não linear, na afirmação de que **“... ainda manda flores...”**, ação essa que também o insere em um contexto do qual não quer se dissociar. Assim, a memória, como um condicionante da formação discursiva, não tem um ponto único de materialização, não é fixa, ela não

reside, mas sim, constitui o enunciado que se materializou na carta. Para Nora (1993, p.07), “o sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há meios de memória”.

Ainda, para o mesmo autor:

O lugar da memória supõe, para começo de conversa, a convergência de duas ordens de realidade: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes nem tanto, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história (NORA apud DOSSE, 2001, p.19).

Nessa perspectiva a memória funciona como um elo que pode aproximar o interlocutor do sujeito reeducando, encarcerado, mas, que carrega consigo atitudes que já estão arraigadas na memória discursiva, identificando-o como um sujeito cidadão e com valores inerentes à realidade de liberto e incluso, socialmente, como todos os valores instituídos para um cidadão exemplar.

Há que se ressaltar que nos enunciados em questão o reeducando ainda se coloca no lugar de oscilação quanto ao seu lugar naquele momento de encarcerado, manifestando seu pedido de aceitação por sua condição. Nesse caso, o reeducando vê no outro, a constituição de sua identidade ora preso, mas que quer se ver aceito. Esses enunciados clamam por um olhar e uma chance de se ressocializar.

(R3-e) [...] foi tanto que eu “**pedi**” para meu companheiro de cela que está estudando no seu horário pra te dizer sobre minha admiração por você, queria ter visto tal reação por você...

(R3- f) “**Por favor me responde**”

(R3- g) Gostaria muito que você me respondece essas cartas, pelo menos pra dizer que eu não tenho nem uma chance com você, com toda certeza te compreenderei e te entenderei, olha também seria um prazer enorme se um dia eu pudesse te conhecer pra gente trocar ideias e tomar sorvete juntos, adoro fazer amizades.

(R3- h) Queria estar presente agora pra ver sua reação nesse momento.

(R2- i) Nunca desanime de nós, porque nós estamos esforçando com muita garra.

(R2- j) Eu confio na senhora, queria pedir pra senhora guardar este segredo somente com a senhora. Também quero dizer que eu acho a senhora uma mulher super gente boa, anteciosa, carinhosa e digna com todos nós.

(R2- l) Professora [...] quero pedir pra senhora por favor não nos abandone nois aqui do presídio por que estamos todos felizes com as aulas.

Esses enunciados, embora se destaquem pela súplica em serem aceitos, também manifestam o desejo de reinserção, bem como a insegurança frente àqueles que

pertencem ao mundo externo à prisão e que são, naquele momento, o elo com o mundo de liberdade. Mais uma vez, a introspecção se faz presente, frente aos questionamentos da constituição do ser reeducando mas, com o desejo de fazer parte como ser liberto.

Com os enunciados “**Por favor, me responda**”, ou ainda, “**queria ver sua reação**”, é notório sua condição de insegurança quanto a sua posição. E quando enfatiza” **por favor, não nos abandone**”, percebemos o que de fato ocorre depois de encarcerados, o sentimento que predomina é o de abandono, de esquecimento tanto pela sociedade, quanto por aqueles que faziam parte do seu contexto de vida. Expondo assim, um sentimento coletivo daqueles que compartilham esse espaço de aprisionamento..

Nesse segmento em que os reeducandos se colocam na posição de encarcerados, mas passíveis de ressocialização, eles continuam enfatizando os vocábulos que valorizam as características de quem seja integrado socialmente, com seus valores e comportamentos. Vocábulos como, “**sábria**”, “**gentil e educada**”, “**culta**”, “**autêntica**”, “**capazes**”, “**inteligentes**”, acionando um dispositivo que liga o saber/poder a uma subjetividade que aproxima os seres humanos, como veremos nos próximos fragmento.

(R1- e) obs.: Esperamos mais visitas de vc e mais pessoas **cultas** e **inteligentes** e **capazes**. Pois necessitamos disto... opinião pessoal...tá? “Esperamos por vc.” (Grifo do autor).

(R3- i) eu gosto de ficar perto de pessoas sábias, porque sendo assim, vou adquirir mais sabedoria, e você está evidente o quanto **você é autêntica** e muito **educada e gentil**... você é um grande ser humano muito **sábria** **você** (grifo do autor).

(R2- m) Quero dizer que nossos professores são os melhores, por que nós tratam bem, com carinho, atenção e dignidade. Mais prefiro dizer que minha professora é a melhor, pois é com ela que estou me desenvolvendo melhor, estou aprendendo e descobrindo mais experiência, e estou abrindo mais minha mente, é muito bom estar perto de pessoas que nos transmite uma grande paz de espírito...

(R2- n) [...] todos nós gostamos e admiramos seu trabalho, “**PARABÉNS**”

(R2- o) Eu confio na senhora, queria pedir pra senhora guardar este segredo somente com a senhora. Também quero dizer que eu acho a senhora uma mulher super gente boa, anteciosa, carinhosa e digna com todos nós.

Esses enunciados demonstram os sujeitos sociais que permeiam e atravessam constitutivamente o enunciador reeducando. Sujeitos de sabedoria, que está ligada a ideia de aceitável socialmente e como modelo para se seguir, reproduzindo, assim,

discursos já ditos e cristalizados, reproduzidos, mesmo tendo a sensação de ser o primeiro a dizer.

Corroborando com essa premissa, Pêcheux (2014) nos diz que é ilusão pensar que somos a fonte de nossos dizeres, ou seja, o que dizemos, é constituído por outros dizeres: ao nos inscrevermos em um determinado discurso, na verdade, estamos nos inserindo em vários, posto que todo discurso é constituído por outros discursos. Não há pureza, homogeneidade, nem univocidade: os discursos são heterogêneos, esta é base de suas constituições. Assim, compreender esse posicionamento do sujeito de quase invocar a sabedoria e a ela atrelar valores como gentileza e educação corroboram o endossamento desses valores em suas práticas, não só discursivas, mas também, comportamentais.

Os reeducandos enunciadores das cartas em análise demonstram seu desejo de vincular o saber ao poder e com isso encontrar-se novamente ressocializados e se inteirarem, por meio desses valores que já estão presentes em seus discursos, a um convívio em que ele será aceito, pois com isso, também moldará seu comportamento.

Sobre essa categoria de aceito X não aceito, os sujeitos reeducandos se vêm enquanto aprisionados, criando uma visão estereotípica sobre si mesmos, enquanto repelidos pela sociedade, mas que, ao mesmo tempo, se colocam como sendo parte dessa mesma sociedade que o privou de sua liberdade. Dessa forma, o sujeito social reeducando se coloca nesse princípio de contradição imanente de suas formações discursivas os atravessam. Percebemos que nessa dualidade em questão norma X anormal, as contradições não se exauram, talvez porque, de certa forma, elas se resumem de forma global a deslocamento desse sujeito frente os discursos que o constituem entre prisão e liberdade.

Dessa forma, ao analisarmos esses fragmentos, percebemos que, mesmo estando ele na condição de recluso, encarcerado, a contradição é semissilenciosa, porque o sujeito tenta expressar, mesmo que de forma sutil, o como se sentia naquela condição, de excluído de uma ordem dos desejos típica de uma convivência entre homens livres. Faz transparecer as formações discursivas que o constituem naquele espaço, mostrando-o desejoso de adquirir sabedoria, de estar entre os que ele acredita serem dotados desse preceito, para, por meio dessa interação, sentir-se integrante de outro lugar social, diferente do qual se encontra. Diz-se por meio do dito, materialidade linguística da carta, e por meio do que lhe foi permitido dizer naquele instante.

Nos fragmentos, em questão, evidenciamos o desejo daquilo que é ausente em suas vidas, levando a uma reflexão das possíveis causas por estarem ali, encarcerados. Principalmente, na utilização dos vocábulos “**cultas e inteligentes e capazes**”, em que expressam o que acreditam ser essencial para o convívio em sociedade, pois reafirmam: “**Esperamos por vc!**” Com isso, projeta, mais uma vez, a dependência do outro - participantes do projeto - como um modelo de conduta a se seguir, expondo igualmente certo exercício de poder manifestado pelas relações entre sujeitos naquele ambiente de encarceramento.

Dessa forma, podemos inferir que o modo de subjetivação pelo qual os reeducandos vão se construindo, pelas relações estabelecidas naquele contexto, faz que haja uma objetivação de seu modo de ser, sua conduta frente às contradições que são inerentes àquela situação. Os sentidos produzidos pela interação com o outro podem fazer com que estabeleçam uma reflexão sobre si e o mundo que os cerca, fixando um lugar nessa fronteira entre liberdade e prisão, aceito e não aceito pela sociedade, que naquele momento o condenou ao cárcere.

### **III c- Categoria II – Religiosidade X Infame**

Nessa categoria em questão, discutiremos a contradição que permeia o sujeito reeducando enquanto constituído pelas práticas institucionais que, como já discorrido, tem o papel de educar, estruturar e socializar o homem para reproduzir as práticas sociais aceitáveis socialmente e em especial, nesse momento, discutimos a instituição que prega a religiosidade, como parte da constituição do sujeito.

E, em contraposição, o que se entende, segundo FOUCAULT (1992b) , como sendo o homem infame. Esse homem se manifesta pela urgência em gritar para o mundo suas dores, pois o mesmo foi expurgado da sociedade pelo fato de não se adequarem a uma ordem social imposta e devidamente seguida por aqueles que se enquadram aos padrões disseminados pelas instituições, nesse caso, a contraposição é com os valores das religiosidade.

Se para a religiosidade, o sujeito deve seguir um movimento direcionado pela palavra de Deus, sendo repassado pela igreja, inclusive, com aceitação aos desígnios propostos por Ele, segundo as leis impostas pela bíblia (documento maior em que contém todas as normas e posturas a serem seguidas), para o homem infame, é dada a

liberdade de soltar o grito que ecoa suas angústias, bem como, seus sonhos e desejos. Esse homem, por ter sido expulso da ordem social, não tem mais nenhum temor em romper e até, transgredir com essas barreiras, explicitando seu grito de liberdade frente a tudo que o insatisfaz. E esse grito é dado, mesmo que corram o risco de sofrerem sanções frente a essa realidade em que se encontram, no caso em análise, o grito dos reeducandos.

Nos fragmentos a seguir é explícita a devoção a Deus tanto com relação aos à fé que tudo Nele se concretiza, quanto na credence de que o perdão Divino já o liberta, reeducando, conclamando, sempre a presença de Deus em seus anseios e logo, sua absolvição.

(R1- f) Querida passei por um período na minha vida que prefiro esquecer, abandonei os estudos, fiquei perdido, mais hoje depois de sofrer uma dor muito dolorida, pois eu estou preso inocente por um crime que envolveu uma vida, mas Deus é testemunha que sou inocente, e eu breve sairei absolvido

(R1- g) “Deus no coração e paz no mundo e nossas **Mentes** esteja sempre **Livres, né**”. (grifo do autor)

(R3- j) Espero que você esteja bem! Na paz de nosso senhor Jesus Cristo no coração

(R3- l) [...], não demora eu vou sair daqui por que já paguei minha pena, estou aguardando uma decisão pra esses dias, já estou preso há um tempo de 3 anos e dois meses, mas também não cometi nenhum crime grave só ainda não ganhei minha preciosa liberdade por falta de um bom comportamento, mas agora estou quase na liberdade graças a deus.

(R2- p) Graças a Deus meus pais sempre quiseram me ver bem estudando, se eu sigo os bons conselhos, hoje eu estaria formado com um bom emprego, e já teria realizado meu grande sonho que era me casar e ter uma grande família, , infelizmente esse sonho se perdeu, pois hoje estou com 31 anos de idade, já me sinto um pouco velho, e consigo ver que meu futuro é a morte.

(R2- q) Toda as noites oro e falo muito com Deus e peço melhoria, paz, felicidade, amor e uma mulher pra transformar minha vida, espero que a senhora tenha gostado de ouvir um pouco de mim e da minha infelicidade

Nesses excertos, os reeducandos se constituem em uma formação discursiva de temência a Deus, dando a Ele o papel de norteador de todas as coisas, tanto no plano do desejo, quanto no plano daquele que tudo pode perdoar, até mesmo, sua ação de contravenção tendo como punição, seu encarceramento, agindo assim, como o juiz divino que tudo vê, mas que tudo absolve, sobressaltando a máxima do cristianismo de que Deus tudo ama, logo, tudo perdoa.

Essa inscrição no discurso religioso coloca o reeducando, ainda no estereótipo do sujeito livre, mesmo que tendo cometido um delito, permanece na ordem do

institucional, na ordem dos discursos da igreja, como norteadora de condutas como ser social e familiar. Já que a família para a igreja é seu núcleo, fonte permanente que repassa valores inquebrantáveis para o seio religioso.

Mais uma vez, os reeducandos se veem fragmentados, dissipados em diferentes formações discursivas, pois ao mesmo tempo que se colocam como reclusos, se veem e se projetam com a possibilidade de homem livre, principalmente quando, no primeiro fragmento dos recortes acima, utiliza o verbo passar no tempo passado – “**passsei**” –, excluindo-o, de imediato, daquela condição de encarcerado. Ao mesmo tempo, se julga e se pune, dentro de uma ordem social, por ter largado os estudos, tendo como justificativa para tal atitude “ficar perdido”. Com essa afirmativa, endossa a relação de poder/saber que o coloca dentro de uma ordem discursiva, da qual emerge sua subjetividade frente ao provável ato cometido (homicídio) e a presunção de inocência para ser liberto.

No fragmento, “**Deus no coração e paz no mundo e nossas Mentes esteje sempre Livres, né”**, o reeducando se manifesta com “Deus no coração”, se excluindo da ordem do infame, do lugar de contraventor, ou mesmo da condição de infrator. Assim, ele vai se reconstruindo por meio da exterioridade, pela interação com o interlocutor. Mesmo se vendo como socialmente excluído, esse sujeito projeta-se como um sujeito que pode se adequar a um mundo social que o excluiu, mas que pode recebê-lo como sujeito livre. Em sua constituição, ele se mantém sob determinações de formações discursivas calcadas nos valores institucionalizados da religião, que podem coadunar com qualquer cidadão comum, livre. Assim, reforça-se a afirmativa de prisão do corpo, mas com a liberdade da alma.

Na sequência, quando o reeducando enuncia “**Deus é testemunha que sou inocente**”, ele se vale de uma memória discursiva que o coloca em uma rede de credences religiosas que o inscreve como um sujeito seguidor de preceitos e de comportamentos que o colocam em uma condição de aceitável socialmente, assim, ele se tranquiliza atribuindo a Deus o julgamento do Divino, sendo esse superior ao julgamento do homem. Dessa memória, materializada em discurso, também se valida a sua heterogeneidade discursiva quando enuncia “**prefiro esquecer**” e ter passado “**uma dor dolorida**”; enunciados que o colocam como aquele que já pagou sua pena, não com o suplício do corpo, mas pela dor da alma, se auto absolvendo e desejando, enunciando com a certeza do fato “logo, serei absolvido”, como já algo concreto e materializado pelas leis imputadas pela justiça.

Contudo, pudemos perceber que em outras excertos, os reeducandos se colocam em uma posição de rebeldes quanto a essas normas, que romperam com uma ordem de passividade dado ao que lhes era imposto como norma a ser seguida e mantenedora de uma constituição familiar nos moldes institucionais da religiosidade, mais uma vez cumprindo com o princípio da contradição presentes nas diferentes formações discursivas dos sujeitos em questão.

(R3- m) [...], não demora eu vou sair daqui por que já paguei minha pena, estou aguardando uma decisão pra esses dias, já estou preso há um tempo de 3 anos e dois meses, mas também não cometi nenhum crime grave só ainda não ganhei minha preciosa liberdade por falta de um bom comportamento, mas agora estou quase na liberdade graças a deus.

(R2- r) Venho falar um pouco sobre minha vida. Em primeiro quero dizer que sou de uma família simples, humilde e totalmente honesta, na família só existe uma ovelha negra “EU”.

(R2- s) Graças a Deus meus pais sempre quiseram me ver bem estudando, se eu sigo os bons conselhos, hoje eu estaria formado com um bom emprego, e já teria realizado meu grande sonho que era me casar e ter uma grande família, , infelizmente esse sonho se perdeu, pois hoje estou com 31 anos de idade, já me sinto um pouco velho, e consigo ver que meu futuro é a morte.

(R2- t) Eu já fui um pouco louco, já ganhei muito dinheiro fazendo assaltos, más tudo que vem fácil, vai fácil, todo dinheiro fácil é em vão, eu nunca assaltei pessoas pobres, meus assaltos era tudo escolhido, só pessoas de classe média alta, nunca machuquei, e muito menos maltratei uma vítima.

(R2- u) Nada mais vai me ferir, é por que eu já me acostumei com a estrada errada que segui e com as minhas próprias leis. Tenho o que ficou, e tenho sorte até demais como sei que tens também.

(R2- v) Prof: [...] sei que não existe um belo futuro para mim, porque vivo minha vida a cada momento como se fosse o ultimo de minha vida.

Nesses fragmentos os reeducandos se inscrevem em uma ordem discursiva de avessos ao bom comportamento e ao que se espera de um sujeito religiosamente constituído. No discurso do bom rebanho em que os fiéis são conduzidos pelo pastor, Deus, proferido pelas igrejas esse sujeito de exclui. Nesse antagonismo, o reeducando se identifica como a “**ovelha negra da família**”, sendo esse o termo utilizado para aqueles de desviam, se rebelam às normas constituídas pela religiosidade.

Com essa constituição discursiva de excluído, á margem dos valores sociais, o reeducando intensifica seu discurso, ao dizer que “**não foi solto ainda, por falta de bom comportamento**”, ou seja, inserindo-se e mais ainda, internalizando que as leis estão corretas contra ele, pois, sabe que será solto, mas aceita e concorda que por falta dessas adequações ao local em que está inserido, justifica-se sua permanência como encarcerado. Dessa forma, revela-se o enquadramento desses valores institucionais, até

mesmo, para aceitar sua punição, sendo regular nos fragmentos a identificação da ovelha negra que deve ser punida para voltar ao seio familiar.

Nessa perspectiva, a noção família como sendo a célula mater da igreja está constituída no sujeito social reeducando. Como sendo célula a responsável por bem conduzir seus filhos, perpetuando o que o bom pastor faria. Porém, ele nega, e aceita que por ser infame, o infrator, não tem nenhuma perspectiva de futuro, enquanto reprodutor dessa célula mater, a família, exercendo a função inerente ao homem segundo os ditames da igreja, com a máxima de “nascei, cresci e multiplicai-vos”, restando-lhe, somente, aguardar a morte, interrompendo um ciclo natural dos seguidores religiosos.

Quando o reeducando enuncia que já foi “**um pouco louco**”, realizando assaltos, está, quase em um ato confessional, justificando suas atitudes, e reforça quando enuncia que só praticava os delitos contra pessoas ricas, nunca contra pobres, e nunca os machucava. Dessa forma, o próprio reeducando, faz um julgamento de si, como infrator, mas que deveria ser perdoado, pois, nunca praticou tal delito contra os mais necessitados, nem tão pouco, os agredia, sendo a ordem máxima da igreja, auxiliar os mais humildes e desamparados.

Essa movência discursiva que emerge em seus enunciados, demonstra o conflito existencial que assola o reeducando, expondo-o, em todo momento, a um exame de consciência sobre si, e sobre os valores que ainda carrega consigo acerca de sua formação, fazendo com que seu olhar seja múltiplo para si mesmo, com suas oposições frente ao lugar que ocupa, ora, enunciando como o sujeito distante de sua ação enquanto livre e narra seu delito, ora, enunciando como aquele que julga sua própria ação, sujeito reeducando.

Nessa condição de encarcerado, o reeducando ainda enuncia, “**Nada mais vai me ferir, é por que eu já me acostumei com a estrada errada que segui e com as minhas próprias leis**”, se expurgando, completamente da ordem religiosa que o constituía. Com a afirmativa de que nada mais o vai ferir, ele assume suas dores iminentes daquele lugar e do passado que o assola, mesmo já tendo enunciado sua temência a Deus e às leis da igreja. Nesse momento ele rompe, como forma de desabafo, com o que até então o constituía, as leis da instituição religiosa, e diz que a partir daquele momento, seguirá suas próprias leis.

A condição de infame, dada aos reeducandos se faz presente com esse grito que ecoa e que transparece seus sonhos, angustias e desejos que perpassam suas vidas

enquanto encarcerados e enquanto aqueles que mantêm o ímpeto de liberdade, mesmo que, para isso, coloquem-se em risco ao manifestarem seu íntimo, quando enuncia que seguirá “**a estrada errada**”. O reeducando já faz o julgamento do que é certo e errado, ainda manifestando sua contradição frente suas formações. Ele oscila, julga o errado como sendo fruto da formação discursiva religiosa que demarca o certo e errado sobre os caminhos a seguir, mas que também, se vê constituído como o produto daquele espaço de encarceramento, que o moldou frente à sociedade que não lhe deu oportunidades, restando-lhe o caminho da contravenção.

Mais uma vez, na análise dos fragmentos das cartas dos reeducandos, identificamos que nas formações discursivas em que os mesmos se inscrevem enquanto sujeitos presos, mas também, por meio de suas memórias discursivas, enquanto sujeitos livres e que se constituem por meio de valores institucionais, há um deslocamento de posicionamentos frente à sociedade, frente a si mesmo e frente ao outro que o atravessa, evidenciando uma contradição imanente dessas formações discursivas diante das condições de possibilidades em que foi possível dizer o que foi dito naquele contexto de cárcere.

### **III d- Categoria III – Capitalismo: Trabalho X Criminalidade**

Nessa categoria, trazemos à tona a forma com que o reeducando se insere socialmente, no modo de vida capitalista que projeta o homem digno como sendo aquele que consegue acumular bens materiais para se obter uma vida, também, digna e usufruir dos benefícios que o mercado de trabalho pode proporcionar gerando condições para esse acúmulo capital e financeiro, assim poder custear todos os prazeres possíveis ao homem. Esse pensamento é reforçado pelas instituições sociais, pois criam um aprisionamento do homem frente a essa demanda cumulativa de bens, desde a escola que tem por princípio dar condições ao homem, por meio da educação, de conquistar um espaço na vida com sua profissão, por isso desde criança, o sujeito é preparado por essa instituição, passando longos anos de sua vida dedicados a ela, buscando uma formação e reconhecimento para o mercado de trabalho.

A igreja, também, corrobora com tais discursos, repassando valores que perpassam a ideia de que o homem de bem é aquele que proporciona boas condições para a formação de sua família e, por isso, sempre se consagra como um trabalhador,

aquele que provê e sustenta os seus. Nessa perspectiva, a família, como sendo, também, uma célula religiosa, reafirma a máxima de que, “ Deus ajuda, quem cedo madruga”, e “ o trabalho dignifica o homem”, como sendo discursos que dão parâmetros de formação de um homem de bem, aceitável socialmente.

Até mesmo na prisão, a ideia do trabalho também traz à tona a confirmação de que o sujeito preso se reintegra, se ressocialize, por meio desse trabalho que o molda para a sociedade. Com isso, dando a ele condições de reflexão acerca da sobrevivência no meio social, internalizando os moldes a serem seguidos enquanto sujeito de bem, impedindo com que esse mesmo sujeito se enverede, novamente, no mundo do crime, pois o trabalho tanta aniquila com o ócio.

Nessa perspectiva, o reeducando, não deixa de externar essas vozes, pois foi constituído por elas, enquanto sujeitos livres e também, enquanto sujeitos presos no que diz respeito à ação do trabalho que possibilita viver em um mundo capitalista. Contudo, essa dualidade que o atravessa, suscita a contradição que o constitui, pois ao mesmo tempo em que dá sentido ao trabalho como forma de construção e solidez em sua vida, o reeducando, já rechaça essa condição de trabalhador, pois, não vê nela a forma de se firmar enquanto esse cidadão que esperam que ele se transforme. Pois, a sociedade sempre negou a ele oportunidades e que, na condição de reeducando, continuaria sendo negado, incorporando, então, o mundo do crime como única possibilidade de sobrevivência e bem estar, com o proposito de um futuro melhor.

Podemos perceber esse conflito nos recortes a seguir:

(R2- X) Eu comecei a mudar o rumo da minha vida com 12 anos de idade, fui pra escola com 8 anos, e estudei apenas 4 anos, eu pensei em para com os estudos para trabalhar, e assim eu fisco, com 12 anos eu era auxiliar de garçom, pra mim estava sendo uma experiência super legal, mais hoje vejo o quanto faz falta os estudos.

(R2- W) Graças a Deus meus pais sempre quiseram me ver bem estudando, se eu sigo os bons conselhos, hoje eu estaria formado com um bom emprego, e já teria realizado meu grande sonho que era me casar e ter uma grande família, , infelizmente esse sonho se perdeu, pois hoje estou com 31 anos de idade, já me sinto um pouco velho, e consigo ver que meu futuro é a morte.

(R2- Y) Na minha juventude trabalhei em vários lugares com profissões diferentes, mais não resolveu, e muito menos adiantou em nada, joguei toda minha juventude fora, pois hoje muitos me chamam de vagabundo, alguns me chamam de comedia, outros dizem que sou periculoso, mais eu penso que falar de mim é fácil, o difícil e ser “EU”.

(R2- z) Professora [...] eu gosto de ouvir músicas o tempo todo, e também faço artesanatos pra passar o tempo, e também ganhar um trocado pra me manter nesse lugar.

(R2- a2)“FUTURO”

Estou saindo desse veneno aqui, não sei como vai ser lá fora, a sociedade discrimina pessoas como eu.

(R2- b2)Se eu conseguir um bom serviço vou mudar de vida, conhecer uma menina e construir uma família e viver minha vida em paz e harmonia.

(R2-c2) Mais pelo outro lado, se eu não conseguir um emprego, o crime não compensa, mais infelizmente serei obrigado a voltar a praticar a criminalidade, pretendo crescer na parada e ganhar a boa, eu já sofri muito com cadeia.

(R2- d2) Não quero que a senhora fique triste comigo no que vou dizer, vou continuar a estudar quando eu sair, mais infelizmente preciso continuar no crime sei que não compença, já estou ficando velho, tenho que organizar a minha vida por agora, para mais tarde quando eu ficar velho não ficar sofrendo em azilos. Quero estar de boa, com os bolsos cheio de dinheiro e com uma casa para eu viver o restinho da minha vida que faltar

Nesses excertos, o reeducando imprime a voz social que diz que o trabalho, mesmo sendo enfrentado com pouca idade, faz parte de sua formação, mesmo que para isso, tenha tido de largar os estudos, outra forma de adestramento e adequação social. É evidente o quanto essas vozes institucionais estão impregnadas em suas formações discursivas, valorizando-as e colocando-as como forma de ascensão social e garantida felicidade. Ainda reforça esses valores dando “**Graças a Deus**” pelos pais terem colocado-no no “ **bom caminho**”, o da educação e do trabalho, tendo como maior sonho “ **se casar e constituir uma família**” tendo como suporte um “bom emprego” para concretização de seu grande sonho. Com esses valores capitalistas o sujeito reeducando ainda se vê integrado à sociedade.

Na sequência, reforça esses enunciados, “**Se eu conseguir um bom serviço vou mudar de vida**”, tendo, mais uma vez, a premissa de que com trabalho tudo se organiza, e ele se torna condição primeira para todo o restante de vida com suas perspectivas e sonhos se concretizem. Em consequência a essa adequação ao mundo do trabalho ele constituirá essa família e com isso, ter “**paz e harmonia**”, desejo de quem vive em meio ao caos, subvertendo a ordem natural de quem vive em sociedade, sendo um infrator, logo, recluso pela mesma sociedade que o excluiu e de certo modo o levou a esse mundo de contravenção.

Essa afirmação se dá nos fragmentos seguintes, em que o reeducando se coloca na ordem de excluído social, infame, marginalizado, mesmo cumprindo sua pena, ele já se antecipa , supondo em como a sociedade livre irá recebe-lo, sendo construído em si e já antecipando o olhar do outro, como aquele que continuará sendo marginalizado,

que a sociedade continuará negando a ele a chance de se estabelecer, dignamente, segundo o que posto ao homem de bem, por meio do trabalho. O próprio reeducando já tem sobre si a imagem estereotipada do contraventor, do homem preso, aquele que foi punido, excluindo-o, por si mesmo, do mundo regido por normas sociais e pelo poder disciplinar.

Quando expressa **“o crime não compensa, mais infelizmente serei obrigado a voltar a praticar a criminalidade, pretendo crescer na parada e ganhar a boa, eu já sofri muito com cadeia”**, o reeducando já se inscreve como permanente daquele momento em diante no mundo do crime, como sendo a única alternativa em se erguer e se firmar em um mundo que só valoriza a quem possui bens materiais, mas ao mesmo tempo, ele mesmo faz seu juízo de valor sobre diz, **“infelizmente”**, expressando esse conflito que permeia sua constituição enquanto sujeito que deseja a liberdade, sabendo que não mais se adequará às normas sociais desse meio o qual anseia fazer parte.

E continua nesse juízo de valor acerca de si mesmo e já prevendo o julgamento do outro com que se relaciona por meio da carta, afirmando, **“Não quero que a senhora fique triste comigo no que vou dizer, vou continuar a estudar quando eu sair, mais infelizmente preciso continuar no crime sei que não compença”**, com essa assertiva o reeducando mais uma vez, ressalta a necessidade de se firmar no mundo do crime como única forma de se inserir socialmente, no que diz respeito a esse modo capitalista de sobrevivência, modo esse em que o dinheiro é fonte fundamental e primária para se ter uma vida digna, mesmo que não seja nos moldes institucionais em que se impõe uma discursividade muito forte de que o trabalho dignifica o homem.

Assim, o reeducando rompe com essas fronteiras do que o faz ser aceito ou não pela sociedade, mas ao mesmo tempo, se coloca na zona de conflito sobre o seu próprio ser, em como ele se vê diante dessa sociedade que continuará o excluindo. Mas ainda assim, tem perspectivas de futuro, fazendo planos como um sujeito dito normal para a convivência social, **“Quero estar de boa, com os bolsos cheio de dinheiro e com uma casa para eu viver o restinho da minha vida que faltar”**, se igualando a qualquer outro sujeito livre, porém, com uma forma alternativa para dar sustento aos seus sonhos que demandam dinheiro para sustenta-lo, optando pela vida do crime.

Essa dualidade imanente do sujeito reeducando perpassa todo seu discurso em que ali, somente ali, no espaço prisional poderia ser dito, reforçando a ideia de que novo não são os enunciados, mas as condições de possibilidades em que esses enunciados são produzidos. Essa movência, esse deslocamento constante entre a liberdade e a prisão faz

com que o reeducando se constitua pelos atravessamentos discursivos que o formaram, oscilando conforme o lado da fronteira em que ele se coloca. Ora, esses discursos se contradizem, ora se apagam e ora, se complementam, ressaltando, sobretudo, essas regularidades discursivas que os caracterizam como reeducandos, produtos daquele espaço carcerário que também, os constituem.

### **III e - A ( re) escrita de si**

Pelas discussões propostas por Foucault (1992b) e Rago (2014), sobre a escrita de si, pudemos observar a efetividade da escrita enquanto ferramenta que possibilita dar voz ao reeducando e com isso, expressar os seus anseios, desejos, angústias, mas que também, possibilita levá-lo à reflexão sobre si mesmo, sobre o mundo que o cerca dentro e fora da prisão, e suas ações enquanto causas e consequências de sua existência, ali, encarcerado.

Percebemos que na análise das categorias aqui desenvolvidas, há um entrecruzamento entre elas e até mesmo, uma completude frente à única condição que unem naquele momento e espaço, a condição de encarcerados. Todas as contradições, ali, expostas, se resumem na vertente de Preso X Livre, e o que emana disso são as inscrições discursivas que vão oscilando. Contudo, em qualquer uma delas, é notória a necessidade de se fazerem ouvidos com suas súplicas e desabafos. Desafiando a relação de poder ali presente, mas também, criando, a partir dessa relação, a escrita das cartas que representam, nesse momento, um ato de resistência frente às normas estabelecidas daquele lugar.

A escrita, nessa circunstância de reclusão, torna-se a companheira do reeducando que ameniza a solidão e os pensamentos de abandono. Ela ganha um status de revelação desse EU (reeducando) que foi silenciado pela sociedade e que revela os pensamentos que o reeducando constrói dentro de si mediante esse conflito entre prisão e liberdade, mas que, por ser um recluso e viver à margem da ordem social padrão, como um infame, se vê constrangido em manifestar diante do outro, a revelação de sua alma, utilizando-se, então, da escrita como ferramenta que o transporta para a interação com o outro sem o risco de se sentir negligenciado por seu interlocutor.

( R1- h) Aqui tem pessoas que buscam sua reintegração na sociedade, e nada melhor que tendo contato com membros da própria sociedade, né? Já agradei aos seus seguidores (Thais) e outros que desapareceram, a importância de um projeto desse nível, pois sei que o maior fundamento é a **ressocialização** de muitos, claro os que realmente querem... **"eu quero."** (Grifo do autor).

(R2- e2) Professora [...] eu quero lhe dizer que estou muito feliz por eu poder estar participando das aulas que a senhora está nós passando, estou aprendendo muito com a senhora.

(R2- f2) Quero dizer que nossos professores são os melhores, por que nós tratam bem, com carinho, atenção e dignidade. Mais prefiro dizer que minha professora é a melhor, pois é com ela que estou me desenvolvendo melhor, estou aprendendo e descobrindo mais experiência, e estou abrindo mais minha mente, é muito bom estar perto de pessoas que nos transmite uma grande paz de espírito...

(R2- g2)...a senhora tem sido um presente de Deus para todos nós, eu mesmo estou gostando das aulas e peço a deus pra que está aula continue anos e anos aqui no presídio. Nunca desanime de nós, porque nós estamos esforçando com muita garra.

(R2- h2) A senhora está sendo a primeira mulher com quem eu me abro, pois eu sempre fui muito fechado com todas as pessoas, Aqui no presídio minhas amizades são bem poucas, Aqui só existe ódio, maldade,e inveja, o crime é de tensão.

Nesses fragmentos, é possível perceber a forma com que os reeducandos vislumbram, por meio da escrita, suas perspectivas pautadas na interação com o outro que representa o mundo externo, de liberdade. A forma com que esses reeducandos manifestam sua gratidão de se ter oportunizado a eles o retorno ao estudo e de, sobretudo, poder interagir com pessoas a quem possam admirar e terem como referência de uma sociedade que olha por eles, dando a percepção de que nem tudo está perdido e que eles podem ter esperanças de reintegração social.

Mas, há também, em seus relatos, momentos que por meio da escrita, os reeducandos veem como forma de desabafo e por alguns fragmentos, até de denúncia a que ocorre no espaço carcerário, bem como seus conflitos de ordem pessoal e sentimental. Nesses fragmentos, atentamo-nos para a forma com que o reeducando tenta se libertar de suas angústias, de seus tormentos físicos e psicológicos, podendo fazer com que a partir da escrita, ela possa se libertar de suas dores, dando liberdade a sua alma, mesmo ainda mantendo a prisão do corpo.

(R2-i2) Depois de 4 meses que estávamos juntos, ela me passou ciúmes e eu tinha bebido todas e usado muitas drogas, eu fiquei com tanto ciúmes, que parei por alguns minutos pra refletir, e falei comigo mesmo será que uma mulher aguenta levar pelo menos 1 sessão de pancada sem cair, aí veio um pensamento na minha loucura, homem não bate em mulher...

(R2-j2)... em seguida aconteceu o pior, fui pra casa sozinho e lá eu cortei a mangueira do botijão abri o gaz, acendi o esqueiro, e pus fogo na casa toda, essa era a única maneira que eu tinha naquele momento pra descarregar todo ódio que estava em mim...

(R2- l2) Depois que eles fizeram o que quis, nos colocaram na cela do castigo, sem roupas, sem colchões, nos deixaram pelados, aí fui refletir sobre minha vida se eu não tivesse fugido eu não estaria no castigo e muito menos eles teriam me torturado, parei pra pensar, eu estou sofrendo, com frio, e com o côro grosso e minha mulher, está só nas festas andando com uns e com outros, tudo que ela fazia de errado eu ficava sabendo...

(R2- m2) Neste momento me sinto arrepiado, as vezes você que está lendo nem queria acreditar, mas a verdade é que a ROTAN nos pegou pra matar. Eu fui um dos que mais apanhou, me desmaiaram nas pauladas, meu colega que estava ao meu lado não aguentou e morreu, eu sinceramente pedi pra Deus tirar a minha vida e devolver a vida do meu colega, pois eu apanhei mais, mais este colega meu não apanhou ele foi torturado com crueldade.

(R2- n2) Professora [...] me desculpe se a senhora não conseguiu entender nada, resumindo tudo o meu maior sofrimento foi em acreditar num amor falso, numa mulher que eu acreditava que me amava, mais na verdade ela brincou com meus sentimentos, e por ela quase morri pelas mãos da ROTAM.

(R2- o2) Ela me traiu, enquanto eu estava preso, depois de sai da cadeia ficamos juntos não foi 10 dias ela me colocou uma doença de rua, uma doença simples, mais pra mim foi como se fosse a doença mais terrível. Quando eu descobri, eu chamei ela pra dentro do quarto, mostrei pra ela o que ela foi capaz de fazer comigo, no momento o meu pensamento era só de mata-la, mais ela tem 4 filhos, se eu matasse ela, quem iria cuidar de 4 crianças

(R2- p2) Por causa de toda esta bagunça fui transferido para o presídio de segurança máxima do estado de GO, que fica em Goiânia se chama “ Nucleo de Custódia”, fiquei la 90 dias sofrendo dores, falta da minha família, aí que fui ver se existe mesmo amor, todo sofrimento que passei foi por provar um amor fugindo da cadeia, só consegui arrumar pra minha cabeça.

(R3- n) Olha não foi fácil pra mim tomar essa decisão de pegar nesta caneta e te escrever sobre um assunto que flui dentro de mim, desde a primeira vez que te vi, depois daquele dia, meus dias foram somente pensar em você...

Observamos nesses excertos, o poder da escrita que, em sua solidão, pode levar o sujeito reeducando tanto a reflexões profundas, quanto até mesmo, a confissões, guardadas pra si mesmo. Em um ato de materializar os pensamentos o reeducando exerce uma atividade de introspecção e análise sobre seus atos, estabelecendo até mesmo, juízo de valores sobre seus pensamentos e ações. Para Foucault, “a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os pensamentos, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo”. (FOUCAULT, 1992b, p. 131), esse inimigo, tanto pode ser alguém externo ou o próprio reeducando que trava uma batalha consigo mesmo.

Ainda há que se observar a ideia de panopticon que, a todo o momento, se faz presente na escrita das cartas, tanto com a temeridade da vigilância constante pelos agentes penitenciários e diretor do sistema carcerário, quanto por eles mesmos que se reprimem e se censuram frente aos seus desejos. Porém, mesmo com essa temeridade, ainda se colocam na condição de responsáveis pela segurança do outro, o interlocutor, oscilando sua posição sujeito de reeducando que sofre as sanções da sociedade para o sujeito que protege, que cuida do bem estar de si e do outro.

(R3- o) [...] não quero trazer pra você nem um tipo de problema, nem quero para mim, te digo isto sobre passar esta carta que escrevo pra você pra direção tá? Pois se estas cartas for parar la na frente, e bem provável que eu irei ficar 30 dias de castigo sem nenhum tipo de visitas, mas eu confio em você, se não jamais eu te escreveria. Te peço que me entenda, eu queria uma “**dica**” de você, se você fosse eu no meu lugar...como faria?

. (R2- q2) Eu confio na senhora, queria pedir pra senhora guardar este segredo somente com a senhora. Também quero dizer que eu acho a senhora uma mulher super gente boa, anteciosa, carinhosa e digna com todos nós.

Com esses recortes, podemos notar que o exercício da escrita possibilita ao sujeito fazer uma reflexão acerca de si mesmo, podendo se ressignificar, se reconstruir e até mesmo, se ressocializar. O reeducando, podendo ter a ferramenta da escrita ao seu dispor, pode reavaliar sua trajetória e criar novos campos de possibilidades de existência frente ao que tanto deseja: sua liberdade.

Assim, não poderíamos deixar de repetir Foucault ao exercer sua reflexão sobre o ato da escrita.

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário ( por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. [...] A reciprocidade que a correspondência estabelece não se restringe ao simples conselho ou ajuda; é ela a do olhar e do exame. A carta que, na sua qualidade de exercício , labora no sentido da subjectivação do discurso verdadeiro, da sua assimilação e da sua elaboração como “ bem próprio”, constitui , também e ao mesmo tempo uma objectivação da alma. [...] Por meio da missiva, abrimo-nos ao olhar dos outros e instalamos o nosso correspondente no lugar do deus interior. (FOUCAULT, 1992b, p. 150-151).

Se dadas ao sujeito condições favoráveis à sua reinserção e reintegração social, garantido por lei, a movência que o constitui como sujeito múltiplo, favorece sua recriação e percepção de mundo enquanto sujeito livre e imbuído de todas as normas inerentes as instituições disciplinares que regem a sociedade. Se por meio da educação formal for dado a ele, reeducando, a oportunidade da escrita e por ela toda reflexão imanente desse ato, ele pode, e é o que acreditamos, por meio da escrita de si, refazer

sua história e, com isso, elaborar e empreender uma (re) escrita de si para o mundo do qual tanto deseja fazer parte, o mundo de liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perpassando pela teoria foucaultiana na perspectiva arqueogenealógica em que discorremos sobre o que emerge nos discursos dos reeducandos do sistema prisional de Morrinhos- GO, em suas cartas enviadas a extensionistas de um projeto de alfabetização da Universidade Estadual de Goiás- Campus Morrinhos, percebemos o quão atual e necessário se faz a discussão acerca dos sistemas prisionais.

A instituição carcerária, no que tange ao Brasil, tem o papel de disciplinar seja pela punição, seja pela educação que propicia ao reeducando a possibilidade de se reinventar, reestruturar e, logo, se ressocializar, objetivo maior das punições. Porém, mesmo com leis que sustentam essa premissa, nem todos os presídios a cumprem. Isso se deve a vários fatores, inclusive, o de não haver o interesse de pessoas envolvidas com a educação por desenvolver esse trabalho nos espaços carcerários.

Porém, no decorrer das análises das cartas, objeto de nossa pesquisa, percebemos que é possível a ressocialização para aqueles que querem se submeter ao processo imputado a eles para se reinserirem na sociedade por meio da educação. É prudente, salientarmos que essa atitude não se deve a todos que estão reclusos, nem que fazemos uma apologia em defesa de todos os presos, mas que seja dada a oportunidade, pois, muitos que estão ali, encarcerados, desejam o mundo de liberdade como pessoas que sejam incluídas ao sistema social.

Essas afirmações se dão por meio das análises que enfocamos nas formações discursivas presentes nas cartas dos reeducandos que, por si mesmas são contraditórias; pois, os enunciados que mantiveram uma regularidade discursiva nas 03 (três) cartas dos reeducandos, mostram que os discursos se degladiavam frente às posições sujeitos em que esses reeducandos se inscrevem, ora como presos, oriundos daquele espaço prisional, ora desejantes de liberdade, que almejam sua condição enquanto livres. Assim, podemos observar um sujeito cindido, um sujeito metade, que se inscreve em posições diferentes, conforme demonstram os discursos próprios à sua constituição.

Observamos que seus posicionamentos podem ganhar ressignificações, assim como seus enunciados, de acordo com o que o meio externo os proporciona. O contato

com pessoas que remetem ao mundo de liberdade, no caso os extensionistas, lhes proporciona uma projeção de futuro, materializada na oportunidade que está sendo dada a eles naquele momento e espaço de cárcere. Oportunidade essa que, em sua maioria, não foi dada a eles enquanto sujeitos livres. Ou seja, o Estado falhou em algum momento, por meio de suas instituições disciplinares em não dar condições e agregar aqueles cidadãos nesses espaços disciplinadores, no caso, a escola, espaço de construção dos saberes institucionalizados.

É recorrente nas cartas esse desabafo da falta de oportunidade, principalmente no que tange aos espaços de educação formal, sendo eles, segundo os próprios reeducandos, os espaços que dariam oportunidades de ascensão e permanência social digna, sem precisarem se envolver como o mundo do crime. Mas, por outro lado, recorrem a outras instituições de Estado como, religião e família, sendo o contrapondo para sua permanência e ainda como parte de sua constituição enquanto sujeito livre e, principalmente, como ainda sendo parte desse meio social que o excluiu, mas que ainda é desejante de se reinserir nesse meio.

Podemos, ainda, ressaltar as relações de saber-poder do/no espaço carcerário que emergem frente aos posicionamentos que os reeducandos demonstram nos discursos analisados e de como lidam com essa relação. Esse espaço de reclusão suplanta saberes que constituem o reeducando frente a sua condição de encarcerado. Principalmente, no que remete a sua visão de si e também, na visão que o outro, o livre tem dele. Como sendo o infrator, o invisível, ou até mesmo, o que causa repulsa ao outro, sendo necessário pedir licença e permissão a esse outro (livre) para que o mesmo se aproxime e estabeleça contato.

Com isso, as relações de poder vão se construindo por meio dessa interação em que o reeducando vai construindo, tanto com o meio interno, prisão, quanto com o meio externo, pessoas livres que ali dedicam seu tempo a eles. E também, e não menos importante, com a sociedade a qual ela deseja se reintegrar. Assim, o reeducando vai criando formas de resistência e produtividade quanto ao seu desempenho no espaço da prisão. Estar no ambiente ofertado a ele, como ambiente de aprendizado, sendo conduzido por pessoas que dedicam esse tempo aos reeducandos tendo como foco a educação é também uma forma de resistência que contraria o esteriótipo que é imputado a eles, como sendo o marginalizado, perigoso, já sendo excluído do espaço de convivência social.

Para finalizarmos, temos de ressaltar o papel da escrita como ferramenta para reflexão e reconstrução do sujeito reeducando. Isto, se é que podemos finalizar uma pesquisa no âmbito discursivo, pois entendemos que ainda há o que ser explorado, sempre considerando a exterioridade, bem como os dizeres são produzidos, por quem são produzidos e como foram produzidos, ainda dando margem para ampliar esse olhar sobre o reeducando. Temos de ressaltar o papel da escrita como ferramenta para reflexão e reconstrução do sujeito reeducando.

Quando é dado ao reeducando a oportunidade de ter voz frente a tantos silenciamentos, próprios da condição e do local em que se insere, o reeducando tem a oportunidade de expressar seus sentimentos, fazer suas confissões, compartilhar suas dores, externar os seus sonhos, é dado a ele a oportunidade de reacender uma posição sujeito que foi apagada, dando luz a seus sonhos. E é disso que qualquer ser humano precisa, a oportunidade de sonhar, de reaver seus erros, de refletir, e de se reinventar. Dessa forma, acreditamos na ressocialização por meio da educação. E sendo ela feita com compromisso e seriedade frente aos anseios do homem, seja ele dado a condição da prisão do corpo, mas dado a ele, também, a condição de liberdade da alma.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Raros e rotos, restos, rastros e rostos:** os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. In: Art Cultura. Uberlândia, 2013.

BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº 4/2010. **Diretrizes Nacionais para a oferta de educação de jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais.** Brasília, DF: MEC/CNE/SECAD, 2010.

Burke, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: A escrita da história: novas perspectivas. Trad. De Magda Lopes- São Paulo: Editora UNESP, 1992.

Deleuze, G. **FOUCAULT.** Paris: Minuit, 1986.

DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica** : para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2005.

DOSSE, François. **Da história à memória.** São Paulo: ed. UNESP, 2001.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso:** Reflexões introdutórias. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8º edição Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir:** Nascimento da Prisão: Tradução de Raquel Ramallete. Ed. 41. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Ed. 24. Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas:** Tradução Eduardo Jardim e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Nau, 2013b.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos, volume IV:** estratégia poder-saber/Michel Foucault; organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Mota; Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. – 3º edição- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **O Que É um Autor?** Lisboa: Passagem, 1992a.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: \_\_\_\_\_. **O Que É um Autor?** Lisboa: Passagem, 1992b. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: \_\_\_\_\_. **O Que É um Autor?** Lisboa: Passagem, 1992c. p. 89-128.

\_\_\_\_\_. Resposta ao círculo epistemológico. In: \_\_\_\_\_. **Estruturalismo e teoria da Linguagem.** Petrópolis, Vozes, 1971. p. 09-55

MAEYER, M. de. Prólogo. In: RANGEL, H. (Coord.). **Mapa Regional Latinoamericano sobre educación em prisiones**. Notas para el análisis de la situación y la problemática regional. Centre International d'études pédagogiques (CIEP), 2009.

ONOFRE, E. M. C. Revista HISTEDBR On line, Campinas, n.47, p. 2015-2019 Set. 2012 – ISSN: 1676- 2584

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 2014.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.  
<https://doi.org/10.7476/9788526814691>

REZENDE, Selmo Haroldo. **VIDAS CONDENADAS: o educacional na prisão**. Tese de doutoramento, PUC/ São Paulo, 2002.